

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**NAS REDES DA MEMÓRIA:  
DOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA AOS FLOGS VIRTUAIS**

Recife – Pernambuco  
Fevereiro, 2006

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Aluizio Medeiros da Silva Filho

**NAS REDES DA MEMÓRIA:  
DOS ÁLBUNS DE FAMÍLIA AOS FLOGS VIRTUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Motta

Recife – Pernambuco

Fevereiro, 2006

Silva Filho, Aluizio Medeiros da  
Nas redes da memória : dos álbuns de família aos  
flogs virtuais / Aluizio Medeiros da Silva Filho. –  
Recife : O Autor, 2006.  
108 folhas : il., fig., fotos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal  
de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2006.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Teoria antropológica – Memória  
intergeracional. 2. Antropologia da imagem –  
Referente fotográfico – Álbuns de família – Fotografia  
digital e analógica. 3. Memória virtual – Fotologs –  
Construção de redes de interação. I. Título.

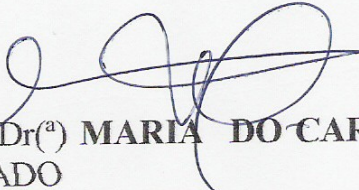
39  
306.4


CDU (2.ed.)  
CDD (22.ed.)

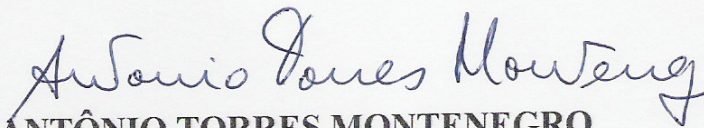
UFPE  
BC2006-290

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Prof<sup>o(a)</sup> Dr<sup>(a)</sup> **MARIA DO CARMO TINOCO BRANDÃO DE AGUIAR MACHADO**  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE

  
Prof<sup>o(a)</sup> Dr<sup>(a)</sup> **RENATO MONTEIRO ATHIAS**  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE

  
Prof<sup>o(a)</sup> Dr<sup>(a)</sup> **ANTÔNIO TORRES MONTENEGRO**  
Departamento de História da UFPE

Data da Defesa:     /     /

Nenhum passado passa, todo passado é presente.

- Antônio Montenegro

## **Agradecimentos**

À CAPES, pelo apoio dado que auxiliou no desenvolvimento da pesquisa.

Ao professor Antônio Motta, por ter proporcionado, com suas críticas e sugestões, o enriquecimento deste trabalho.

À Ademar José dos Santos, pedra fundamental para concretizar o sonho numa realidade possível.

À Carolina Cahu e Luiz Antônio C. de Oliveira, pelo incentivo, críticas e contribuições nos momentos mais importantes.

Finalmente, à M<sup>a</sup> da Glória Medeiros, minha mãe, pelo apoio incondicional e por seu exemplo de luta e persistência.

## Resumo

A pesquisa tem como objetivo investigar a imagem fotográfica analógica e digital a partir de seu uso social, de suas representações e (re)significações no plano da memória, seja numa dimensão individual ou coletiva, expressa através dos álbuns de família e nos seus equivalentes virtuais, os flogs da internet. Descendentes coloridos dos *blogs*, ou *Web logs*, diários escritos, enviados e atualizados regularmente na internet, os “*Foto blogs*” atualmente são conhecidos como fotologs e abreviados para flogs, nessa interface da internet a imagem fotográfica torna-se a principal forma de comunicação. Com efeito a pesquisa estabeleceu um diálogo através desses distintos registros de imagens, em contextos temporais diferenciados e buscou analisar e interpretar os tipos de mutação operadas nas formas de seu uso e comunicação, questionando inclusive as diferenciações existentes entre fotografia analógica e fotografia digital, tanto em seus potenciais para servirem como documento histórico, quanto por suas características de suporte para a memória apreendida, no intento dessa pesquisa, sob a ótica dos membros de uma mesma família e nas redes de relacionamento construídas pelos flogs. O campo empírico privilegiado é constituído por álbuns de fotografia e *flogs*.

**Palavras-chaves:** Memória, fotografia, fotolog, álbuns de família.



## Abstract

The research has as objective investigate the analogical and digital photography image from its social use onwards, its representations and significances in the memory plane, in a collective or individual dimension, expressed by the family albums and by their virtual equivalents, the internet flogs. Colored descendents from the blogs, or Web logs, written diarys, sent and up-to-dated regularly in the Internet, the "Foto blogs" currently known as fotologs and abbreviated to flogs, in this interface of the Internet the photographic image become the main way of communication. The research established a dialogue through these distincts registers of image, in temporal contexts differentiated and searched to analyze and to interpret the types of mutation operated in the ways of its use and communication, questioning the differentiations existing between the analogical photography and digital photography, as much on its potential to of use as historical document, as for its support characteristics to the memory learned, in the intent of this research, under the optics of the members from the some family and in the networks of relationships built by the flogs. The empirical field privileged is build by photography albums and flogs.

**Key Words:** memory, photography, fotolog, family albums.

## Sumário

Introdução.....	9
Capítulo 1 – Retrato em branco e preto.....	18
• Do P&B ao Digital: técnicas e permanência.....	19
• Recordar por que existe a foto ou obter a foto para começar a recordar?.....	32
• Fotografia ou imagem de síntese: o referente em questão.....	37
• Potencial da Fotografia: memória e ressignificação.....	39
Capítulo 2 – Digitais.....	48
• Fotologs: álbuns públicos.....	49
• Photoshopagem: manipulação digital.....	56
• A cultura jovem expressa pelo fotolog: Quimera ou hibridismo.....	59
Capítulo 3 – Feliz Aniversário.....	65
• A grande Festa.....	68
• Olhando para trás: Memória e lembrança.....	73
• A memória em questão.....	79
Considerações Finais.....	88
Referências Bibliográficas.....	97
Anexos.....	102

## INTRODUÇÃO

---

Este trabalho intenciona refletir sobre os usos e significados das fotografias nos álbuns de família e nos fotologs. Para isso, tomou-se como perspectiva analítica o conceito de memória postulado por Halbwachs, ampliado ou tangenciado por autores contemporâneos como Moreira Leite, 1998, Bosi 1983, Augé, 1994, em ressonância com outros autores como Nora, 1999 e Proust, 1913. No contexto deste trabalho, a discussão amplia-se no âmbito da cultura contemporânea, isto é, a partir do uso e apropriação das chamadas “novas tecnologias”, tema recorrente a autores como Hall, 2005 e Latour, 2000, Harvey, 2000, entre outros.

A idealização da pesquisa teve inicialmente como eixo a investigação de práticas e usos de memória através de redes familiares, que se expandem por diversos grupos sociais, tendo como principal foco as imagens fotográficas de membros de uma mesma família, registradas em álbuns fotográficos e fotologs. Entretanto, na medida em que a pesquisa avançava novos desafios iam se impondo à problemática inicialmente esboçada no trabalho, exigindo, deste modo, também novos direcionamentos.

Conceitos-chaves como família e análise intergeracional foram reavaliados dentro da dimensão da pesquisa em função de outras problemáticas que insurgiram ao longo da pesquisa de campo, o que trouxe um inquietante debate sobre as possíveis modificações da concepção de memória ocorrida na sociedade contemporaneidade. Isto não quer dizer que se tenha abandonado os dois conceitos anteriormente citados. Na verdade são eles que permeiam a discussão central, entretanto, não se configuram mais como eixos problematizantes no intento desta

pesquisa, tornando-se objeto de futuras pesquisas a serem associadas a essa análise.

Deste modo, o trabalho passa a dimensionar dois objetivos principais: Primeiramente pretende investigar o uso das imagens na construção da memória individual e coletiva, traçando paralelos entre os álbuns de família e os flogs da internet enquanto construções sócio-culturais distintas; em um segundo momento, a pesquisa busca a diferenciação entre as fotografias analógica e digital e as implicações das novas tecnologias digitais de manipulação da imagem, inclusive no que se refere à fotografia como espaço de lembranças e a fotografia enquanto documento histórico.

A família escolhida para objeto dessa investigação passa a permitir o cruzamento das teorias de memória estudadas com a prática e usos das imagens de um grupo em seu universo representacional. Outras famílias ou grupos podem permitir diferentes resultados dos que apresento, porém o fato de manter uma discussão teórica vinculado a uma análise da vivência de uma família favoreceu o diálogo entre aspectos específicos e os mais generalizantes do assunto em foco.

Já que, se tomarmos as velhas fotos em papel, embora esmaecidas e sem brilho, guardadas em gavetas, em baús, em álbuns, as pessoas ainda as manipulam, classificam, rememoram, reconstituem cenas vividas em temporalidades passadas, já em relação às fotografias digitais, veiculadas na internet, principalmente aquelas alocadas nos flogs, apesar de terem o mesmo potencial que as fotografias analógicas, recebem algumas alterações pelo seu uso, marcado essencialmente pela sua efeméride e pela intensa exposição pública do indivíduo.

É, pois, a partir desse contexto de múltiplas interrogações e cruzamentos de idéias que este trabalho se situa. O campo de investigação da pesquisa incide sobre

o material iconográfico veiculado nos álbuns de família e nos flogs da internet. Portanto, trata-se de um campo de imagens registradas por meio da fotografia e, um outro, o campo virtual situado em rede, tendo ambos, como já foi aqui assinalada, a ressignificação contemporânea de memória como foco de sua problematização.

Para analisar a ressignificação da memória, tomamos a fotografia como seu suporte, isto é, o arcabouço metodológico preexistente fora mantido mesmo que pontos tenham sido acrescentados e/ou alterados.

No início da pesquisa tinha-se determinado que a investigação incidiria sobre membros de uma mesma família que compusesse quatro gerações diferentes: avós, filhos, netos e bisnetos, permitindo o estudo de caso de como essa família em particular lia as fotos e transmitia a memória, num confronto intergeracional.

Entre os critérios inicialmente contemplados para a seleção da família estava a necessidade de compor quatro gerações, mesmo que não houvesse necessidade de concentrar as quatro dentro de uma única família nuclear. Outro limite era o de que a faixa etária mínima configurasse entorno dos 10 anos de idade e que essa família tivesse uma tradição de fotografias nas gerações estudadas, para que objetivasse o intento de análise, além de residirem na região metropolitana do Recife.

Como a pesquisa contempla álbuns de fotografia e fotologs, presumi ser mais fácil encontrar usuários de flogs dispostos a participarem e a partir deles travar contato com as famílias do que o inverso, já que usuários de flogs não constituem algo tão generalizado quanto os usuários de álbuns. Previamente, já havia realizado uma pesquisa piloto sobre os flogs para melhor compreender o universo de seus participantes. Tratava-se de um grupo diversificado de colaboradores e a partir deles

busquei travar contatos intensivos, a fim de observar e colher um leque variado de informações.

Dos meus colaboradores usuários de fotologs, cinco apresentaram condições favoráveis para servirem de base para a análise. Chegara o momento de explicar a que se pretendia minha pesquisa e levar essa explicação aos demais membros da família. Dois dos jovens enquadrados não quiseram participar, pois a “vida virtual” que eles levavam no flog era de quase desconhecimento da família e não se sentiam motivados a fazer essa aproximação. Um terceiro tinha parte de sua família extensa morando em outros estados, inclusive a geração mais velha, o que considerei um fator limitante mais não necessariamente excludente vista a proximidade da Paraíba, estado natal dessa família. Entre os dois últimos jovens selecionados (Alex e José), os contatos com seus pais foram realizados com o intento de explicar a proposta da pesquisa. O anonimato seria garantido, caso desejassem, deixando claro a eles que os encontros serviriam inclusive como forma da própria família descobrir mais sobre si, já que seriam ouvidas e anotadas algumas das histórias individuais e familiares, material a ser transmitido para as outras gerações. Ambas as famílias concordaram em participar mas a enfermidade do patriarca da família de José levou-a a desistência.

Então mesmo depois de ter alterado o intento da pesquisa, saindo do foco análise intergeracional, para o foco ressignificação da memória e as novas tecnologias, mantive o grupo alvo da pesquisa em torno da família selecionada, apenas estendendo o circuito por meio de rede paralela, integrada com os amigos dos interlocutores mais jovens e que também possuem flogs na internet. Com isso, pretendeu-se cruzar as informações trazidas por essa família e parte de sua rede de interação sobre suas histórias, suas formas de memorar e erigir arquivos, de

dialogar com o passado, articulando-as em torno do eixo de preocupação comuns definidas no contexto da pesquisa.

Visando não perder completamente de vista o diálogo entre as gerações, no que diz respeito ao estudo sobre a imagem enquanto local de memória, álbuns de fotografia e flogs obtiveram tratamentos diferenciados quanto a metodologia, mas a análise procurou cruzar as diferentes metodologias a luz do arcabouço teórico aqui assinalado.

Para os álbuns buscaram-se entrevistar os 32 membros da família compostos por bisavós, avós, pais e filhos, tomados a partir dos usuários dos flogs<sup>1</sup> e excetuados nesse número os membros com idade inferiores há 10 anos. As entrevistas foram gravadas e a pesar de terem um questionário inicial como pode ser observado no **anexo I**, receberam complementação das histórias de vida contadas nos encontros individuais com cada um dos membros, orientada para a temática desta pesquisa. Os álbuns familiares e/ou individuais estavam presentes em cada um desses encontros. Através deles, busquei ouvir as histórias que contaram sobre as fotos seguindo não necessariamente sua ordem nos álbuns, mas a ordenação (ou classificação) dada pelo usuário, importante dado comparativo com a forma que as fotografias são manipuladas nos flogs.

Já para os “flogueiros”, além do uso do questionário já citado, busquei uma interação através da observação participante, formando um flog e aos poucos adentrando na comunidade e interagindo com a rede de relacionamentos de meus colaboradores. Particpei da vida cotidiana daquele grupo que diariamente interagia em tempo diacrônico pelo flog e expandia essa interação para um tempo sincrônico através de um programa de comunicação, o MSN. Assim facilitou a compreender as

---

<sup>1</sup> A família estudada, apenas os jovens de até 25 anos utilizam o flog, apesar de potencialmente ser um mecanismo para usuários de qualquer idade.

interpretações que eles davam sobre os acontecimentos que observava referente a pesquisa, por exemplo, como eles lidavam com os flogs deletados, o ingresso em novos flogs, construção de suas redes virtuais.

Além desses dois momentos, como a pesquisa fora desenvolvida ao longo de mais de dois anos em um meio familiar, pude ser convidado a participar de algumas festas como aniversários, casamentos, formatura, São João, páscoa, momento propício para a observação dos níveis de sociabilidade e de interação existentes entre os grupos, as gerações, suas dinâmicas, seus códigos e ressignificar a luz do foco pretendido.

Foi através da imersão no campo que busquei refletir sobre o uso e apropriação da memória, identificando tanto as continuidades quanto as rupturas, isto é, os esquecimentos e mutações operadas no uso social da memória na fotografia familiar ou individual.

Dessa forma, a necessidade de diálogo entre o primeiro esboço teórico idealizado da pesquisa e sua materialização no campo não foram vistos como momentos estanques, separados, mas como uma releitura crítica aberta a modificações conforme as necessidades se apresentavam durante a pesquisa de campo.

No contexto desta pesquisa, sobre o uso da imagem fotográfica existe uma diferença fundamental entre utilizar a fotografia como um meio e estudá-la como o meio através da qual a realidade é apreendida. Este trabalho privilegia esta segunda opção, encarando a fotografia como um suporte para a memória. Para tanto, se fez necessário o uso de um número variado de técnicas metodológicas como anteriormente assinaladas, que dessem suportes à coleta e análise dos dados referente as problemáticas aqui referidas.



Para que a análise fosse realizada dentro dos objetivos aqui vinculados se fez necessário lançar mão de narrativas de vida, no sentido atribuído por BERTAUX (1997) onde se permitiu observar dentro da narrativa gerada quais aspectos da memória são priorizados pelos entrevistados, quais as lógicas que permeiam ou organizam os esquemas classificatórios das imagens, o que efetivamente existe nessa escolha, qual a dimensão simbólica que estrutura a disposição desses registros ou o significado do próprio registro enquanto documento de um álbum.

O diálogo entabulado entre gerações de uma mesma família, apoiada em narrativas de vida, entrevistas e observações participantes, permitiu contribuir no delineamento de um panorama geral como já foi observado por Becker:

"A imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto. Nenhuma das peças tem uma função maior a cumprir; se não tivermos sua contribuição, há ainda outras maneiras para chegarmos a uma compreensão do todo." (BECKER, 1997, p. 104).

Partindo do fato de que os membros das gerações estudadas na família utilizam tanto álbuns de família e de viagem quanto flogs (as gerações mais novas), buscou-se privilegiar as duas técnicas de organização de fotografias metodológicas referidas. Por fim, fizemos uso de entrevistas que procurou englobar também pessoas que não fazem parte da família nuclear e que serviram como elementos comparativos para elucidar determinados aspectos ou dúvidas que surgiram no decorrer da pesquisa.

Tanto nas entrevistas quanto nas narrativas de vida as perguntas elaboradas pelos interlocutores foram tomadas como notas adicionais, já que constitui uma forma deles situarem o pesquisador dentro de seu universo de entendimento da realidade.

De fato as entrevistas não se estabeleceram puramente entre um único que questiona e outro que responde ao perguntado, o pesquisador deve adquirir a capacidade de perceber "até onde pode ir" com cada um de seus entrevistados e para isso não existe uma regra fixa, estamos diante de relacionamentos humanos tão diferentes um do outro e com suas próprias regras e códigos.

"(...) Portanto, parece-me que o ponto central não é a discussão de como proceder para atingir a imparcialidade mas antes o de explicitar, sempre que possível, o modo como foi conduzido o trabalho de campo. (...) Creio que, por um lado, seja possível, a partir dessa troca de experiências, repensar a relação entre entrevistado e entrevistador. Ademais, acredito que essa tarefa seja também importante pois permite ao leitor precisar em que medida e em que direção o "clima" estabelecido nesse relacionamento tenha afetado tanto a coleta do material quanto a análise dos dados." (SALEM, 1978, p. 64)

Como a própria pesquisa é um processo social, ela esteve sujeita a sofrer alterações ao longo de sua análise, incorporando novas técnicas que vieram a esclarecer elementos que por ventura se percebeu incompletos no uso das formas anteriormente escolhidas.

O plano geral do trabalho encontra-se organizado por capítulos. No primeiro capítulo, pretendeu-se examinar a história da fotografia em seu aperfeiçoamento técnico e como registro de um momento vivido, discutindo inclusive sua relação intrínseca com a memória e a importância do seu caráter indicial frente às

implicações que as novas tecnologias eletrônicas e digitais permitem na construção de imagens sem referentes.

No segundo se busca ter o fotolog como foco de discussão, analisando tanto sua criação e constituição em contraponto com os álbuns de família, como questionando suas redes de formação aparentemente atreladas a uma cultura jovem. Permeia também o debate deste capítulo a própria constituição da fotografia digital com sua intensa potencialidade para a manipulação e criação de imagens onde se questiona seu valor enquanto registro fotográfico.

Já no terceiro, o foco é deslocado para o momento do registro que é apresentado nos álbuns e fotologs, os rituais eternizados pela fotografia. Assim como a leitura presente que fazemos sobre uma fotografia passada.

A seguir, considerações finais a respeito das idéias discutidas, questionando as possibilidades que as novas tecnologias trazem e seu compromisso ou não com o referente, com a realidade e com a memória.

## **CAPÍTULO 1 –**

### **RETRATO EM BRANCO E PRETO**

---

Pretendo demonstrar nesse capítulo como a fotografia, assim como aconteceu com outras invenções, sofreu aperfeiçoamentos ao longo de sua história, desde a técnica de revelação ao suporte para a imagem, indo do P&B ao digital, acrescentando ao método de arquivamento das imagens não somente antigos álbuns de capas em couro e metais, mas disquetes, CD-ROM e demais alternativas que a tecnologia vem nos apresentar.

Não que o aperfeiçoamento de uma dada técnica representa necessariamente uma melhoria em todas as suas dimensões, mas é possível em uma dada inovação a perda de elementos que antes técnicas mais antigas permitiam a realização, assim como, também é possível o acréscimo de novos, graças ao avanço tecnológico.

No caso específico aqui estudado, pode-se perceber como os álbuns e flogs mantêm entre si algumas semelhanças, e desta comparação questiona-se se recordamos por que existe a foto ou obtemos a fotografia para começar a recordar? Cada vez mais as possibilidades de alterar, acrescentar, retirar imagens na fotografia têm sido aperfeiçoadas tornando-se “terreno comum” ao usuário médio das tecnologias de comunicação e imagem.

Finalmente busquei nesse capítulo, diante dos quadros atuais de uso da imagem fotográfica, discutir se os modos de classificar podem estar sofrendo

alterações, sendo importante essa observação para inquirir sobre o potencial da fotografia na ressignificação da memória.

---

### **Do P&B ao Digital: técnicas e permanência**

---

Do surgimento da fotografia até hoje, tanto o conceito de memória quanto o de verdade caminham em ressonância com a história dessa invenção. Vale salientar que uma das principais características da fotografia é seu caráter indicial na constituição de sua imagem. Ora, para que a fotografia exista se faz necessária a presença de alguém ou de alguma coisa frente à câmera, de um referente que será capturado num dado tempo e espaço pela fotografia. A câmera tornou-se uma testemunha, bem como o fotógrafo.

Reforçando essa aura de verdade e de memória atribuída a fotografia, vemos surgir, como exemplos, o fotojornalismo e o fotodocumentarismo, trazendo um novo conceito de construção e demonstração de acontecimentos a que a sociedade aos poucos se acostumou e legitimou. Em contrapartida, tanto a evolução da tecnologia quanto o desenvolvimento de novos debates a respeito dos potenciais e limites da linguagem fotográfica possibilitaram inclusive a dúvida perante uma fotografia, de sua expressão de verdade diante do apresentado. Podemos encontrar a manipulação da imagem fotográfica não somente no campo da estética, como também ideológico desde a origem de sua invenção.

Hoje vivemos num momento em que cada vez mais as fotos digitais, publicadas em rede, guardadas em CDs, DVDs ou outros periféricos ganham



Fotografia pintada de Ademar dos Santos, 1936



D.Alda e D.Maria dos Santos, 1955.



Helena dos Santos, 1971.





Helena e Elaine dos Santos, com um amigo. 1973.



M<sup>a</sup> José Rodrigues dos Santos, 1950.



Fotos digitais de José Olympio, retiradas de seu flog <[www.fotolog.net/sedatives](http://www.fotolog.net/sedatives)> em 20 de janeiro de 2006.

espaços frente às fotografias analógicas. Em tempos de era pós-industrial, os valores fotográficos estão se relativizando, a representação dá lugar à simulação, e o suporte fotográfico transforma-se em matriz numérica.

O avanço da técnica tende ao aperfeiçoamento para um fim imediato, tirar a fotografia. Mas o que nos motiva a fotografar, de forma geral, é a possibilidade de fixar um instante do tempo que nos permita recordar. É justamente na interface do aperfeiçoamento da técnica e a facilidade de reencontrar a foto para se utilizar dela com o fim de memorar que versa essa discussão.

A fotografia compõe uma fase particular do processo social que desembocou no modernismo. Os precursores do retrato fotográfico nasceram da estrita relação com a ascensão de novas camadas da sociedade e sua conseqüência político e social. A ascensão dessas camadas sociais, em busca de sua individualidade e projeção social, provocou a necessidade de produção em larga escala de novos produtos de consumo, e particularmente da fotografia.

A independência econômica dessa nova classe gera a necessidade de conquista do seu espaço político e social. “Mandar fazer o retrato”, dentro do contexto de época, representava um ato simbólico, por meio do qual o público da classe social ascendente manifestava a sua mobilidade social, tanto para si mesmo, como para os demais já que o retrato, que na França era, há muitos séculos, privilégios de alguns círculos aristocráticos, com o advento da fotografia se democratiza. À medida que afirmava a necessidade de representar-se, essa moda criava novas formas e técnicas de resultado satisfatório. Era a maneira encontrada pela nova classe para expressar seu culto pela individualidade.

Ao longo dos anos mais processos eram inventados ou aperfeiçoados, a microfotografia seria um desses exemplos. Cada vez mais o campo de emprego da

fotografia foi sendo ampliado, não só como registro do cotidiano mas como auxílio aos estudos das diversas ciências.

A exaltação do valor prático da fotografia, no entanto, não deve obscurecer seu valor como instrumento de criação artística dotada de uma sintaxe própria. Com a fotografia nasceu uma nova maneira de ver o mundo, tanto do ponto de vista estático, com seus inusitados ângulos de visão, com o close, o desfoque, a imagem tremida e o registro do movimento, quanto pela precisão absoluta com que reproduzia a natureza. Isso a transformou no veículo ideal para a documentação.

Fotos de passeios pelas praças, além das naturais fotos tiradas nas frentes das casas, sempre foram comuns principalmente devido a um profissional normalmente conhecido por lambe-lambe, fotógrafo artesanal que usando uma máquina que ao mesmo tempo lhe servia de laboratório para revelação, registrou diversas cenas do nosso cotidiano. Fotos de interior eram mais raras pela necessidade de iluminação que o aparelho exigia. Mas foi justamente o aperfeiçoamento da técnica e uma maior acessibilidade dos equipamentos para a população de uma forma geral que as fotos passaram a compor cada vez mais álbuns além das fotos avulsas das praças e dos rituais sociais como o batismo, o debute e o casamento, outros álbuns foram sendo construídos, álbuns de viagem, de encontros com amigos, fotos as mais variadas. Mas que montar uma cena para tirar foto como no partir do bolo de aniversário, o “clic” da máquina tornou-se presentes nos mais diferentes momentos, permitindo que cada vez mais, mais pessoas registrassem suas caminhadas, a imagem da rua através da janela do seu apartamento, o dia a dia, pequenas reuniões, enfim, o cotidiano.

Os álbuns foram se multiplicando, álbuns de festas, de viagens, álbuns de encontros com amigos. Hoje ressignificando as idéias dos álbuns através da mídia

eletrônica na internet, os flogs são exemplos do cotidiano registrados quase que unicamente sob a óptica de câmeras digitais. A imagem capturada em muitos desses flogs não são paisagens ou um evento/reunião social, os “olhos” da câmera voltam-se para si, é o indivíduo nos mais diversos ângulos que ganha o principal interesse nos flogs, é o mostrar-se.

Notadamente das antigas fotos p&b, para as coloridas, passando por um maior acesso ao uso e finalmente alcançando as digitais, mas que uma evolução da tecnologia ocorreu também transformações ou ampliações do uso da fotografia no cotidiano social. Ora, os álbuns eram reservados para o âmbito privado, particular, pessoal, acessado apenas por alguns membros da rede social do indivíduo, já os flog constituem-se públicos, expostos, individuais, neles cada membro expõe-se mas que ao grupo de relações, são comuns centenas de fotos única e exclusivamente do dono do flog ou de suas festas. Mas esse será um ponto que merece uma discussão mais aprofundada no próximo capítulo, por agora devemos nos concentrar na técnica e na permanência da fotografia.

Seguindo então o percurso do p&b ao digital nos deparamos com uma questão aparentemente simples: como assegurar a permanência do registro, pressuposto para a fotografia enquanto lugar de memória?

Sabendo que as mídias estão constantemente sofrendo modificações, principalmente hoje com a aceleração das tecnologias de comunicação e informática. Reprodutores de filmes 8 mm, leitores de disquetes 5 1/4 que representaram em seu tempo o avanço em reprodução e armazenamento de dados e imagens, hoje podem mesmo configurar peças de museu, tamanha dificuldade de se encontrar. Evidente que as mídias sofrem sofisticação, as mais recentes substituem as antigas e seus leitores são pouco a pouco deixados de fabricar, o que

num dado tempo poderia levar a um caso hipotético de se ter registrado todo um ano de eventos, festas, comemorações, todo um cotidiano, em fotos digitais arquivadas em CDs que as atuais mídias não permitissem mais a leitura por ser o CD (nesse caso hipotético) um armazenamento ultrapassado, assim como o disquete de 5 1/4 o é hoje. Estaríamos então nesse exemplo, perdendo uma quantidade absurda de fotos não por uma destruição do suporte da imagem, mas pela necessidade que as fotos digitais têm de precisar de um suporte de leitura para a mídia.

As fotos amareladas, ou em cor sépia, os velhos álbuns de fotografia, ainda se configuram como o espaço privilegiado de preservação da fotografia enquanto lugar para rememorar, não que as fotos digitais não apresentem, em dada medida, a característica de ser um espaço para lembranças, mas sua consulta no tempo pode se configurar uma tarefa difícil, talvez mesmo impossível, criando o paradoxo de a foto existir, porém não poder ser consultada.

Levando a discussão agora para outros suportes, imaginemos não mais as fotografias no CD, mas elas alojadas nos flogs, nos assim chamados álbuns virtuais. Seriam eles lugares no espaço digital a preservar a fotografia dando-lhe maior duração em sua existência além de distanciar-se dos efeitos que o tempo provoca sobre o papel fotográfico?

O material alojado no espaço virtual sofre também de peculiaridade própria, seja ela imagem, som ou texto, ou qualquer combinação de hipertexto, hipermídia. Na medida em que as informações, por mais densas ou explícitas que possam parecer ao serem veiculadas na internet, mantêm um alto grau de efemeridade, abrem-se portas para o debate sobre os novos tempos da memória. Onde está o registro ou o suporte para a memória? Uma pergunta relativamente simples para uma resposta tão complicada, já que a geografia virtual é mais frágil e passível de

alterações que a geografia física. Quantas vezes nos deparamos com a situação de estarmos buscando uma página qualquer da internet e a descobrimos agora inexistente. Como rever aqueles dados que desavisadamente desapareceram?

Os registros patrimoniais podem nos dar a confirmação da existência de antigos prédios onde, hoje, shoppings ostentam o desejo pelo consumo. Saberemos quem eram seus antigos donos e a partir dessas informações poderemos resgatar parte da história daquele lugar no tempo, mas não teríamos o mesmo percurso na internet. O registro existe, mas é inacessível pela política de privacidade, já que as informações que existiam naquela homepage podem ter sido esvaziadas, “invadidas”, entre outras possibilidades de destruição. Enfim, mesmo que o editor da homepage ainda possua as informações pretendidas no seu computador, praticamente o pesquisador não teria como estabelecer contato com esse editor.

Estamos levantando um caso hipotético como forma de trazer à luz a problemática da efemeridade nos registros virtuais. Qualquer pesquisa que se volte ao universo virtual da internet deve sempre estar atenta a esta faceta da cibercultura.

Essa efemeridade e a própria relação do indivíduo com um campo de linguagem multimídia presente na virtualidade parece contribuir para uma diferente concepção de suporte para a memória se comparada a relação estabelecida com as fotografias guardadas em álbuns de família ou de viagens.

Diferente se não em outros pontos, diferente ao menos no que se pode afirmar da duração. No grupo de pessoas estudadas as fotografias presentes nos álbuns de família configuram espaços de preservação e recordação, já a incursão no ciberespaço demonstrou na pesquisa piloto e foi reafirmada no estudo sobre a família, base dessa pesquisa, ser configuradas prioritariamente na exposição do

indivíduo visando a formação de redes de interesses comuns, mas como ressalta o depoimento que se segue no ideário dos flogueiros o preservar e recordar não configura o objetivo primário:

“Não basta a um sofredor  
Nem cerze um coração rasgado  
Porém é bem melhor  
Sofrer em dó menor  
Do que você sofrer calado.”

Eu poderia ser direto, objetivo e nada explicativo "estou fechando o fotolog" mas gostaria mesmo de me justificar.

Não tenho me orgulhado da pessoa que sou e tenho me tornado visivelmente carente, mal amado e amargurado, e tentado ser / viver na imagem de uma pessoa que simplesmente não existe além das fotos, e como pode ser constatado, fotolog tem ligação direta com isso. Tenho me autojulgado alguém vazio, sem conteúdo e fútil, portanto, por esse motivo e por outros já citados resolvi que vou me trancar no meu quarto e só vou sair de lá quando eu for alguém melhor (ou quando eu desistir de tudo isso).

Cansei de ter de corresponder as expectativas de todos, quando nem as minhas eu consigo, de me ver em segundo lugar, enfim, de coisas bem pessoais e que, de certo, eu não vou expor aqui.

Meu msn esta, como sempre esteve, a disposição de qualquer um que queira me adicionar. Mesmo que talvez alguns comentários / fotos (ou algo do tipo) levem a crer que sou alguém metido, convencido, narcisista ou similar garanto que faço o possível para ser o mais amistoso e sociável que posso e peço desculpas se algum dia tratei alguém de forma não merecida, Juro que nunca foi a minha intenção.

Agradeço desde já todos os comentários (e me desculpo novamente, caso não respondidos), o espaço nos favoritos e qualquer palavra e / ou atitude aqui demonstrada que tenha me levantado, derrubado ou apenas me divertido e volto a afirmar que por mais que digam que o fotolog é futilidade e inutilidade, se bem usado, pode ser uma poderosa ferramenta de entretenimento e um ótimo meio de se conhecer pessoas maravilhosas (ou não).



Agradeço a todos.<sup>2º</sup>

O caso ilustrativo expõe o pensamento de Sedatives (José Olympio, 17 anos) e reafirma o uso do fotolog como construtor de redes de contato e interação. Outro exemplo poderia ser o de DK (Adriana, 25 anos) que em um dado momento apagou completamente seu fotolog deixando apenas uma mensagem de encerramento. Todas as fotos e textos haviam sido *deletados*. Através do MSN ela me relatou que não tinha como reaver os textos e que a maioria das fotografias ela não mais possuía em arquivos.

As mídias em seus constantes aperfeiçoamentos e os sites da internet e em particular os fotologs, possuem a função de arquivar ou exibir as fotografias digitalizadas, mas a efemeridade da rede quanto à duração das páginas virtuais que simplesmente desaparecem de um dia para o outro, e as possibilidades da mídia tornar-se ultrapassada ao ponto de não mais poder ser consultada a imagem preservada em seu interior compromete a idéia de duração em dada medida cara para esses espaços de memória, mas essa efemeridade, a velocidade em que as informações estão sendo mudadas, configura algo bem maior, o que especialistas chamam de sociedade globalizada ou da informação.

---

<sup>2</sup> OLYMPIO, José. *Sedatives*. Disponível em <<http://www.fotolog.net/sedatives>> acessado no dia 06/04/05.

---

### **Recordar por que existe a foto ou obter a foto para começar a recordar?**

---

“Fotografia é imagem. Mas não apenas. Ela é o tempo detido, é a memória. É a evidência da luz que incidiu sobre um objeto específico, num lugar específico, num momento específico. Se por um lado isso soa como uma limitação, por outro é o próprio mistério da fotografia. Aquilo que vemos numa foto aconteceu. Às vezes de uma maneira que não sabemos como ou porquê – as fotografias não explicam. Mas aqueles objetos e pessoas que se gravam sobre o filme e hoje são imagens, ontem existiram. É isso que estimula nossa imaginação.” (Clóvis Loureiro. A linguagem da fotografia. São Paulo, textos avulsos, s.d.)

A fotografia “nos ilude com a sensação de poder interromper o fluxo do tempo, possibilita o prazer voyerístico de devassar o passado numa imagem parada, disponível e eterna. Ela nos ilude com uma verossimilhança capaz de confundir a imagem com a coisa fotografada. É impossível separar a fotografia do tema fotografado, mas ela não é o tema, é apenas o vestígio deixado por ele no momento mágico do *clic*” (KUBRUSLY, 1989, p. 365).

Capturamos um pedaço do tempo e guardamos no álbum de família. Nossas emoções são reconstituídas por imagens, por fotografias, memória e fotografia se confundem. A fotografia é “um substituto *portátil* que pode ser transformado através do espaço e do tempo. Tal condicionamento é ainda mais reforçado na medida em que, nós mesmos, somos personagens da experiência fotográfica; porque todos nós guardamos fotos de nossas experiências de vida: imagens – relicário que preservam cristalizadas nossas memórias” (KOSSOY, 1999, p. 136).

Nos seus estudos a respeito da fotografia, o historiador e fotógrafo Boris KOSSOY (1999, p. 36) apresentou dois níveis de realidade, uma que ele denominou de *segunda realidade* que nada mais é que a imagem impressa nos sais de prata, a imagem capturada por nossa visão, a realidade que aquela imagem nos apresenta. A outra denominação de Kossoy é a *primeira realidade*. Mas que a imagem, a *primeira realidade* refere-se à história que a fotografia desperta, é a própria relação subjetiva dos leitores para com a imagem apresentada, pessoal, individual, singular, é uma realidade que se manifesta por um envolvimento interior.

Trazemos então no bojo de nossa discussão que a fotografia nos apresenta uma relação intrínseca com a memória e que mesmo tendo a fotografia sofrido manipulação o caráter indicial nos leva ao referente e a relação individual que motivou as possíveis alterações não perde sua capacidade de despertar o rememorar.

Em contrapartida, apesar de a fotografia ter como um de seus princípios o referente, podemos defender que mesmo que sofra alterações, mesmo que numa colagem se reúna pessoas de fotos diversas numa mesma fotografia, em um dado momento essas pessoas pousaram diante da câmera, foram alvos de seus *clicks*, os referentes existiram. Porém, pensando não somente na memória, mas na própria história e suas imbricações, as fotografias que hoje manipulamos eletronicamente se afastam em dada medida desses princípios. A imagem manipulada eletronicamente pode construir uma história que nunca tenha de fato acontecido, pensando em um futuro possível, levando em conta a manipulação eletrônica, a fotografia está trilhando um caminho onde pode atravessar o tempo sem a *primeira realidade*, minando o resgate histórico através dela.

Para a história e mais ainda, para a história familiar que tem nos álbuns de família e de viagens parte de sua documentação na formação de uma memória revisitada pelas gerações, essa manipulação da imagem poderá formar álbuns onde encontros, fatos e situações jamais tenham de fato ocorridos. Possivelmente, os personagens que integrarão aquela fotografia, este sim, serão referentes verossímeis, porém, a emoção vivida, eternizada nessas imagens digitais será apenas uma ficção. Ficção que através do tempo, dado o caráter documental assumido ainda em nossa sociedade pela fotografia, poderá passar incógnita informando aquilo que só ocorreu pelo desejo.

“É justamente em virtude da credibilidade que se atribui ao documento fotográfico – como espelho fiel dos fatos da história cotidiana – que, um dia, quem sabe, poder-se-á dar margem à criação de um passado que jamais existiu. Um passado sem referentes reais, fisicamente concretos. Um passado sem uma *primeira realidade*: a da vida; um tempo e um espaço concebido com base em *referentes fotográficos* imaginários, bidimensionais ou eletrônicos, porém iconograficamente possíveis. Por que não? (...)”

Uma história construída com base no documento fotográfico ficcional, porém em escala real” (KOSSOY, 1998, p. 42).

Nas palavras de Clóvis Loureiro “Aquilo que vemos numa foto aconteceu”, a fotografia marca acontecimento e existência, dois pontos que pretendo discutir quando pensamos a foto dentro de novos quadros que o avanço da tecnologia nos permite, como a montagem e remodelação (ou num jargão muito usado pelos

usuários de fotolog, a photoshopagem<sup>3</sup>) da imagem na foto. Tais alterações poderiam destruir a fotografia enquanto espaço para lembrar?

A imagem fotográfica nasceu do desejo de reter o instante, mas se apenas existir o interesse por uma cena que de fato nunca existiu? Uma cena que nunca foi mais que o desejo, a necessidade de construí-la como a um símbolo, ir-se-ia dizer que a intenção conservar-se-ia, mas seriam possíveis as remodelações serem tantas ao ponto da foto perder sua intenção?

“No aniversário dos 50 anos de Madalena, uma de nossas irmãs não poderia estar presente, Verônica agora morava em São Paulo, foi então que resolvemos chamar um fotógrafo para a festa com intuito de posteriormente ele pegar uma foto de Verônica nos nossos álbuns e colocá-la na festa. <sup>4</sup>”.

Quando pensamos na fotografia enquanto lugar de memória, é por perceber que a foto quando opera o corte de uma cena num dado instante do tempo, congelando a imagem, evidencia justamente aquilo que exclui, evidencia o tempo que será visto num vínculo entre o passado (apresentado na fotografia) e o presente. O tempo abolido passa a poder ser representado, pois ao reunir o antes e o agora temos em evidência as transformações.

D. Alda (52), em uma de minhas entrevistas disse que “a foto não registra a memória, mas ela ajuda a lembrar”, sendo assim, se exerço sobre a foto alterações, seja de colocar numa fotografia de aniversário um ente já morto ou distante, ou de incorporar numa paisagem totalmente diferente um casal de enamorados estaria essa foto, apesar de ser uma farsa, representando um suporte para a memória já

---

<sup>3</sup> Photoshop é um software para computador que permite tratar as imagens e fotografias digitais, produzindo alterações, como as de retirar ou introduzir pessoas no cenário.

<sup>4</sup> Relato de dona Maria dos Santos. Entrevista realizada por mim, em setembro de 2005. Recife.

que a foto é o suporte, não a memória em si. Para o exemplo dado de quem sentiu a necessidade de incluir um parente que agora mora em outro estado, em meio aos demais numa comemoração, a busca não seria a de falsear a realidade, o interesse não é a foto como prova cabal do que aconteceu, mas como meio de lembrar.

Mas nas palavras de Roland Barthes “La foto es literalmente una emanación del referente” (Barthes, 1990). Ela torna-se a confirmação da presença real no passado do corpo ao qual faz referência. Mas que uma imagem precisa, a fotografia em essência, na visão de Barthes, é um signo que emana diretamente do referente, como que a confirmar que tudo que nela vemos encontrou-se lá, mesmo que hoje o tempo tenha separado. A fotografia torna-se um sinal daquilo que foi um lugar onde a memória possa se ocupar.

Barthes apresenta a fotografia dentro de uma concepção de acontecimento e existência, de uma verdade documental que enfatiza que apesar das transformações causadas pelo tempo aquela imagem existiu. Como documento, serve a história por reproduzir um momento, mas a memória é mais que pura reprodução, a memória é subjetiva, envolta a sentimentos, sensações, os aromas e sabores como diria Proust evocam lembranças, então a fotografia mesmo alterada seria um lugar de memória para o grupo ou pessoa que o desejou, mesmo que se encontre em contradições com o acontecimento e a existência daquela “verdade”.

---

**Fotografia ou imagem de síntese: O referente em questão.**

---

A imagem diante da lente de uma câmara fotográfica é captada no instante do *clic* do fotógrafo. Toda essa ação descrita envolveu uma idéia a qual corroborou para a construção da fotografia como documento de verdade, a imagem trazida pela fotografia de fato existiu, estava diante de uma lente, tinha um referente, além do que o fotógrafo seria um segundo testemunha do que sua câmara captou, como na máxima dita por Roland Barthes: “com a fotografia minha certeza é imediata, ninguém pode me desmentir”.<sup>5</sup>

Assim, não podemos pensar a fotografia sem vincular sua relação com a realidade física. Muito se tem discutido a respeito da representação da realidade em que se opera pela fotografia e por mais teorias diversas que existam, ao menos em um ponto opera-se uma coesão, o de caráter testemunhal da fotografia.

Nos primórdios de sua invenção, ainda no século XIX, a fotografia foi encarada como *espelho do real*. A realidade capturada na foto era interpretada nesse momento como semelhante ao seu referente real.

Já no século XX o debate vigente procurou mostrar que a fotografia não era um simples espelho do real, como expresso por DUBOIS (1994, p. 26) “... a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, assim também, culturalmente codificada”.

---

<sup>5</sup> BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*.

A fotografia passa então a ser lida como *transformação do real* impregnada de mensagens codificadas que expressam valores técnicos, culturais, estéticos, sociais, etc. Ou seja, a escolha do lugar, ângulo, foco, o recorte em que o fotógrafo opera na realidade é feito a partir de escolhas que representam valores culturais e sociais. Porém, mesmo que questionado o caráter de semelhança, a relação com o referente real permanece.

O debate atual coloca a fotografia como *traço do real*, a imagem apresentada é como um índice, que tem a sua representação por contigüidade física do signo com seu referente.

Toda essa discussão a respeito da evolução do debate sobre a fotografia visa pontuar a importância que o referente recebe para a existência da fotografia. A fotografia é feita a partir de um referente captado sobre o suporte sensível à luz. Porém, ingressando no campo de possibilidades do digital (e virtual), o referente sofre alterações, pois o caráter referencial da imagem digital não vem dado pela capacidade de registro e documentação da realidade, tal como se sucede com a fotografia, mas por construção. Com a imagem digital surgem possibilidades inventivas de modelos e simulações que permitem criar referentes inexistentes ou imaginários.

A montagem da imagem é algo que acompanha a fotografia desde praticamente sua origem, porém a fotografia digital e as tecnologias envolta de sua esfera permitem a construção de imagens onde o referente nunca existiu de fato, essa *imagem de síntese*, pode nos dar uma ilusão de realidade. Essa *imagem de síntese* recebeu a alcunha de fotografia digital por sua semelhança através do senso comum, mas como os referentes das imagens pós-fotográficas não dependem de um correspondente real, sua relação se faz a partir de seu conceito, tempos então,



através do hibridismo de linguagens e da mistura de paradigmas, imagens que misturam imagens indiciais, como a fotografia, com imagens de síntese, podendo ter como resultante uma imagem com status de fotografia, porém recebendo também referentes ficcionais e inexistentes.

Para esse trabalho em questão, buscamos operar sobre as fotografias, mesmo que tenha recebido montagens, mas fotografias com referenciais. Porém o caráter digital do fotolog possibilita a construção de uma realidade fictícia representada nas imagens.

---

### **Potencial da Fotografia:**

### **Memória e resignificação**

---

"aquilo que a Fotografia reproduz até o infinito só aconteceu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente".  
(BARTHES, 1981, p. 16)

Como bem define a vasta literatura antropológica, as formas rituais são elementos organizativos e estruturadores da vida social dos indivíduos (Durkheim 1960; Mauss: 1950; Radcliffe-Brown: 1968; Lévi-Strauss: 1970; Turner 1974; Van Gennep 1978, Douglas 1976, Eliade: 1981). Trata-se, portanto, de mecanismos reguladores, prestando-se a inúmeras funções. As primeiras definições enfatizaram o caráter seqüencial e rotineiro como traço distintivo de todo o ritual. Daí porque o

enfoque incidiu freqüentemente no pressuposto de que o seu objetivo primordial era o de preservar a ordem existente, isto é, manter o sistema no seu devido lugar ou repor a ordem alterada. Já as perspectivas teóricas posteriores têm, ao contrário, acentuado a presença de expressões menos formalizadas, tais como formas experimentais e emergentes de rituais e modalidades rituais que desafiam a ordem estabelecida.

Na vida cotidiana, deparamo-nos com práticas variadas que se exprimem através de diversas formas de ritualizações, (ritos ou ritualismos), de cerimônias e festas tanto no plano da vida religiosa quanto da profana, sendo compartilhados no cotidiano dos indivíduos. Em tais ocasiões, o registro fotográfico se tornou um lugar comum, notadamente, com o advento em larga escala da fotografia.

Deste modo, ao longo da primeira metade do século XX, a fotografia, como registro de imagens, desempenhou um papel significativo no uso e preservação da memória familiar, reproduzindo-se, através de sucessivas gerações, imagens que representam ciclos inteiros de vida: batizados, primeira-comunhão, aniversários, noivados, formaturas, casamentos, nascimentos, viagens, lutos, etc.

Às fotografias familiares, emolduradas e dependuradas nas casas abastadas em cômodos restritos, passaram por modificações, devido à maior generalização do uso da fotografia, onde a máquina estava presente para registrar o cotidiano, os ritos de passagem, a intimidade das pessoas, etc. Assim, os álbuns de fotografia configuram registros que não por acaso estão dispostos em uma ordenação lógica, buscando uma hierarquia de valores e classificação própria. Uma das funções desses álbuns está no preservar da memória que chega quase a eternizar aquele fragmento de tempo. As pessoas que normalmente vão ter acesso àqueles álbuns de alguma forma fazem parte destas relações da intimidade familiar.



Anita Rodrigues, 1959.



Da direita para a esquerda D.Maria José dos Santos e amigas do convento, 1974.



D.Maria José dos Santos, 1973.

Além disso, enquanto imagens íntimas, os álbuns revelam também diferentes facetas do cotidiano dos indivíduos. Sendo assim, as imagens permitem dialogar com o imaginário de sua época, negociando através dos ângulos fotografados o ideário que circunda os costumes, a mentalidade, a estética, a pertença de classe, etc. Enfim, a função da fotografia em uma primeira reflexão serve para registrar por meio da imagem uma memória, seja ela individual, coletiva, histórica ou cultural. Como bem observou Gilberto Freyre, a organização de álbuns foi uma prática bastante comum sobretudo durante os dois últimos decênios da primeira metade do século XIX. Também constituiu prática corriqueira alguém presentear parentes ou amigos com fotos que marcavam momentos significativos na vida dos indivíduos, como por exemplo, batizados, primeira comunhão, casamento, formatura, falecimento, etc<sup>6</sup>.

Sendo possível apontar a presença de novas imagens e situações como um fator denunciante para as modificações na cultura, a “não presença” de certas imagens, tidas como tradicionais, também pode levar a descobertas importantes. Haja vista que o esquecimento e a não presença podem caracterizar escolhas individuais ou coletivas de leitura da sociedade. Um exemplo freqüente é perceber nas fotografias de como a modificação da idéia de família ocidental foi sendo alterada para a configuração de novos arranjos familiares. Os álbuns apresentam nos registro dos ritos de passagem e de outras formas cerimoniais este quadro na presença em separado destes elementos e na formação de novas composições

---

<sup>6</sup> Gilberto Freyre escrevendo para o Diário de Pernambuco em 15 de junho de 1975 ressalta que: O álbum de família foi então entre nós uma instituição. Uma instituição quase sagrada. Em capas por vezes de madrepérola, as vezes até de prata, repousava sobre a mesa principal da sala de visitas, patriarcal, quer nos sobrados das cidades, quer nas casas grandes do interior, como se fosse um objeto litúrgico. Aliás não deixava de ser litúrgico. Pois não deixava de haver, no Brasil daqueles dias, um culto de antepassados entre as famílias não só aristocráticas como médias. Culto, com reminiscência dos antigos cultos de antepassados tão das famílias patriarcais do tipo clássico. P.8.

familiares, como por exemplo, avós e netos, tios e sobrinhos, e, até mesmo, o indivíduo como única família.

A respeito de como organizava as fotos no álbum, D. Alda relatou que começava “do início, quando a gente era pequena, com mamãe. Começo da infância, adolescência e fase adulta, sempre com a seqüência cronológica.”<sup>7</sup>

Os álbuns de fotografia tem como função, justamente organizar espacialmente as fotos segundo certa lógica individual. Normalmente essa organização auxilia no processo de rememoração do evento contido na foto e ressignificação do conteúdo recordado. Desta forma a construção de álbuns específicos e/ou temáticos e a própria distribuição espacial das fotos formando grupos de eventos, pode dar indícios que auxiliam a memória devido ao conjunto.

Ao longo de minha pesquisa busquei questionar como cada indivíduo organiza suas fotografias sejam em álbuns de foto ou em fotologs, de concreto, as diversas maneiras de dispor as fotos não está ligado a elas serem virtuais ou não. Diversos fogueiros buscam dar um tema a semana apresentando um grupo de fotos, normalmente já pré-produzidas nessa intenção. Da mesma forma encontrei em álbuns seqüências de aniversário, seqüências de enterramentos, seqüência de nascimento etc, assim como outros casos, como o de D. Alba que descreve uma seqüência cronológica porém as fotos em seus álbuns não possuem o mínimo de organização desse sentido, são postas para um observador externo de forma aleatória onde encontramos tempo, espaço e redes de relacionamentos totalmente diversos ocupando a mesma página de um álbum, como se fosse um arquivo onde as fichas encontram-se amontoadas sem um cuidado aparente, apenas ela, dentro

---

<sup>7</sup> Relato de dona Alda dos Santos. Entrevista realizada por mim, em julho de 2005. Recife.

de sua lógica cognitiva e em função de sua memória, pode traçar uma narração cronológica que apresenta fotos espalhadas por várias páginas.

Na verdade sentimos a necessidade de ordenarmos nosso pensamento para estabelecer uma comunicação, mas a forma como ordenamos varia. Assim como o tempo pode ser entendido de forma linear, contando o passado como o que foi, o presente que acontece e o futuro que virá, ele também pode ser tomado como um tempo de retornos, cíclico do plantar e colher ou mesmo um tempo emocional onde a tristeza ou a alegria pode dilatar ou diminuir a percepção do tempo. Tomando como exemplo o tempo, o ordenamento do vivido assume características diversas, podendo organizar-se pelas seqüências de dias, meses, anos de acontecimentos ou pelo retorno das festas comemorativas e aniversários, talvez os álbuns nem possuam uma seqüência que permita se definir, mas uma seqüência que o leitor lhe atribui a medida que avança e retorna nas diversas folhas do álbum.

Não tenho nesse trabalho pretensão apresentar uma teoria sobre a classificação, tal como foi estudada por Mauss, mas o modo em que ordenamos não só os álbuns mas os espaços a nossa volta, condiz com o conteúdo histórico-cultural do qual fazemos parte, nomeamos e ordenamos com o intuito de conhecer e compreender.

Por estes exemplos é possível dimensionar o potencial do estudo da memória a partir das fotos de álbuns de família, assim como dos álbuns de viagens, mas característicos entre as classes média e rica, que compartilham certas semelhanças com o álbum de família, mas, como o próprio nome denuncia, presta-se para registrar as viagens, os diferentes locais visitados, estando estruturado de forma a ser visto não somente pelos que compõe o seletivo grupo da família, parentesco e relações de forte amizade, mas também, pelos demais relacionamentos. Neles, a

estranheza ao defrontar-se com o diferente e com o novo é evidenciada na própria escolha da fotografia para que traga à tona novas rotas, sociedades, estilos e culturas.

Nas fotos, os diferentes espaços sociais também podem ser encontrados em suas dimensões particulares e de convívio social, assim como as transformações sofridas, sejam simplesmente físicas ou, em um resgate da memória histórica, transformações sociais e culturais. Veremos ao longo do século XX a idéia de espaço público, coletivo e privado ser renegociada não só conforme o tempo, mas dentro das especificidades de cada cultura.

Sem perder o eixo problemático da fotografia enquanto espaço de memórias e histórias, a ressignificação da memória estará acompanhando essa pesquisa em segundo plano, preparando o caminho para um trabalho de maior fôlego e amadurecimento. A problemática da ressignificação inclui-se ao debate principalmente quando é percebida a especialização dos ambientes domésticos, assim como a transfiguração de alguns ambientes públicos para a memória privada.

Desta forma, os espaços entendidos como domínios do privado nas sociedades contemporâneas passam por ressignificações pontuais, a exemplo da perda de frações de direitos civis em troca de uma idéia de maior segurança, vivida em nossa atualidade, negociando o privado com a invasão de câmeras ocultas e vigilância por satélite<sup>8</sup>. A vida em nossa atualidade forma-se mais e mais dentro de um mosaico de imagens em exposições, onde o indivíduo, o privado e o íntimo, têm suas fronteiras remarcadas e negociadas com a coletividade, o público e o exposto, cada vez mais característicos nesta sociedade globalizada.

---

<sup>8</sup> Recomendo, a este respeito, a consulta do trabalho de Richard Sennet “O Declínio do Homem Público: As Tirânicas da Intimidade”.



Se o espaço entendido como domínio do privado passa por ressignificações não encontramos resposta diferente quando averiguamos o espaço público, ele também vem tendo seu uso ressignificado como propõe de forma ainda ensaísta ALMEIDA & TRACY para quais vivemos em um novo regime espacial de onde “... constitui-se em torno de uma série de transformações a partir das quais a produção social do espaço substituiu a localização física” (2003, p. 26) fazendo uso do conceito foucaultiano de “heterotópicos”, ou seja, lugares outros em relação aos espaços culturais ordinários.

É bem verdade que a ressignificação dos conceitos pode ser entendida como uma constante na cultura humana que ao longo de sua história negocia continuamente em todas as dimensões sociais normas e valores que prescrevem a sociedade. Contudo, tal análise emerge do arcabouço de discussões pleiteadas pelos pós-modernos como Canevacci que aponta as transformações na metrópole na concepção moderna para uma metrópole comunicacional, com características policêntricas e polifônicas.

Logo, tratar de lugar de memória em fotografias, passa por conceitos de tempo, espaço, memória e identidade, conceitos que as ressignificações que a atualidade tem atribuído necessitam de uma discussão bem mais ampla da que seguirei delineado pelas arestas da raiz dessa pesquisa em função do tempo a que o resultado deve ser exposto.

## CAPÍTULO 2 – DIGITAIS

---

O capítulo anterior teve como principal foco a fotografia preservada nos álbuns familiares e individuais. Os fotologs, outro elemento de nossa análise, foram deixados em segundo plano para finalmente ser discutido neste capítulo.

Devido ao fotolog se tratar de algo ainda recente em nossa sociedade, procurei expor uma visão geral de seu funcionamento nas redes virtuais da internet. Suas semelhanças e diferenças frente aos álbuns de famílias já tão inseridos em nossa cultura.

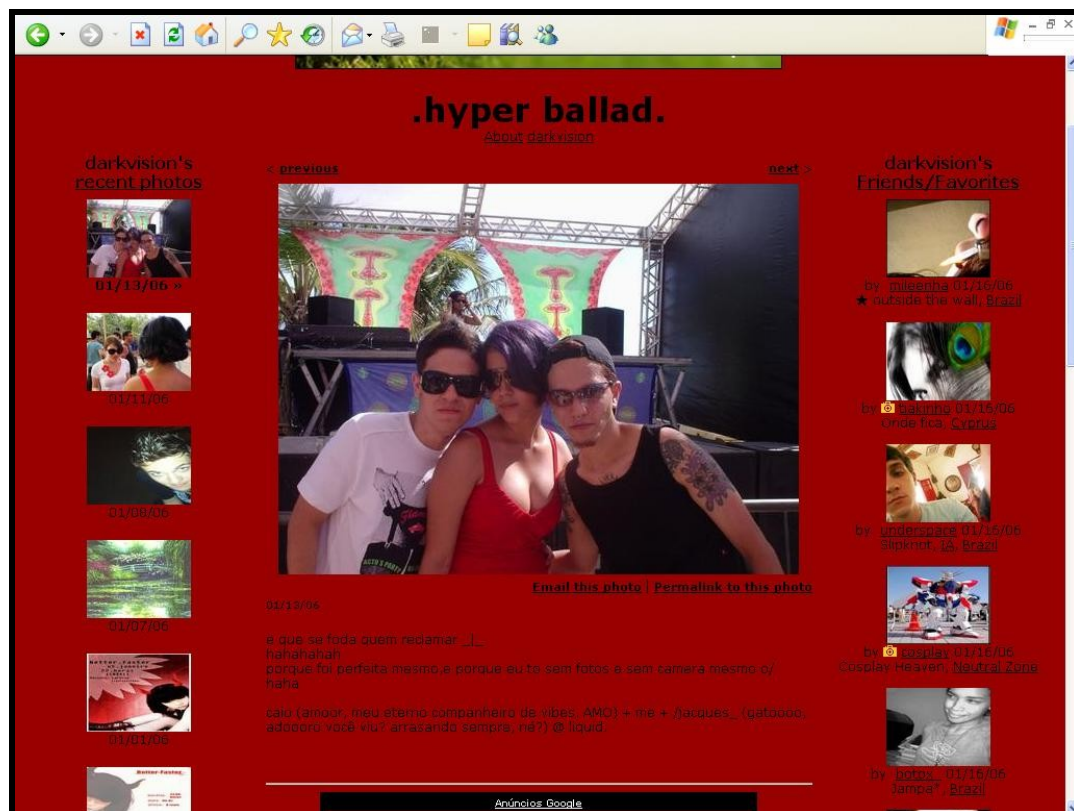
Também merecem discussão as imagens de síntese construídas através da fotografia digital. Alterações, montagens e transformações acompanham a história da fotografia desde seu surgimento, porém especificidades atuais apontam para questões não somente de memória mas de valor documental e histórico da imagem digital.

A cultura jovem configurada na continuidade da discussão, serve como arcabouço ao entendimento dos principais usuários do fotolog na internet, alcançando finalmente a problemática do flog enquanto formador ou não de redes sociais que possibilitam o seu uso numa dimensão simbólica de lugar de memória.

---

## Fotologs: álbuns públicos

---



Retirado de <[www.fotolog.com/darkvision](http://www.fotolog.com/darkvision)> em 20 de janeiro de 2006

O fluxo de inovação na internet é demasiadamente rápido. À medida que a tecnologia avança novas plataformas são criadas. Se hoje iniciasse minha pesquisa, certamente incluiria a comunidade Orkut em meu campo de estudo por caracterizar uma nova modalidade de redes de interação, porém os flogs ainda se mantêm como o espaço por excelência para exibição das fotografias digitais e através delas grupos distintos vai tecendo suas teias de relacionamentos.

É de conhecimento comum que através da internet, texto, som e imagem podem não só ser repassados em tempo real como também arquivados em pastas virtuais, permitindo que seus usuários possam acessá-los no tempo desejado. A idéia de arquivos, pastas, documentos é passada com algumas peculiaridades próprias, o hipertexto e a hipermissão.

A internet, também, enquanto avanço das tecnologias de informação garantiu novos espaços de sociabilização através dos chats e de outros programas de mensagens instantâneas. Aos poucos antigas idéias de registros pessoais foram sendo lançadas na rede ganhando uma (re)significação da extensão de sua utilidade. Unindo antigas idéias com a exposição das mídias permitidas pela nova tecnologia vimos surgir os chamados blogs, espécies de diários íntimos com uma peculiaridade bastante distinta, ou seja, a “chave” desse diário, sua privacidade, não existia mais. Ao contrário, os blogs existem para que seus usuários registrem seu cotidiano, aberto para que todos na rede possam não somente ter acesso, mas também registrar na página comentários sobre o conteúdo ali exposto.

O diário íntimo é pessoal, escrito com a intenção de registrar uma história, uma emoção, uma vivência, enfim, trata-se de um suporte a mais para a lembrança e, portanto, a rememoração de um fato. Debruçando-nos em seus registros podemos nos ver de forma até desconhecida, no sentido de resgatar-nos em um outro tempo de nossa vida, talvez anos depois, e perceber com estranheza as impressões ali deixadas.

Vale a pena ressaltar que o diário íntimo é pessoal enquanto que o blog, capturando a idéia de um livro (agora virtual), abre suas “folhas” para qualquer visitante que queira nele se “debruçar”, acompanhando os escritos de seu proprietário.

Com efeito, a virtualidade da internet vai em busca de antigos conceitos já conhecidos tais como livros, diários, álbuns, etc. Embora mantenha muitas de suas características, essa nova mídia provoca alteração em seus usos. O blog, por exemplo, faz com que a vida do indivíduo possa ser registrada e exposta, sempre atento ao que está sendo exposto, isto é, aquilo em que o indivíduo deseja mostrar, permitindo inclusive a construção de uma outra vida.

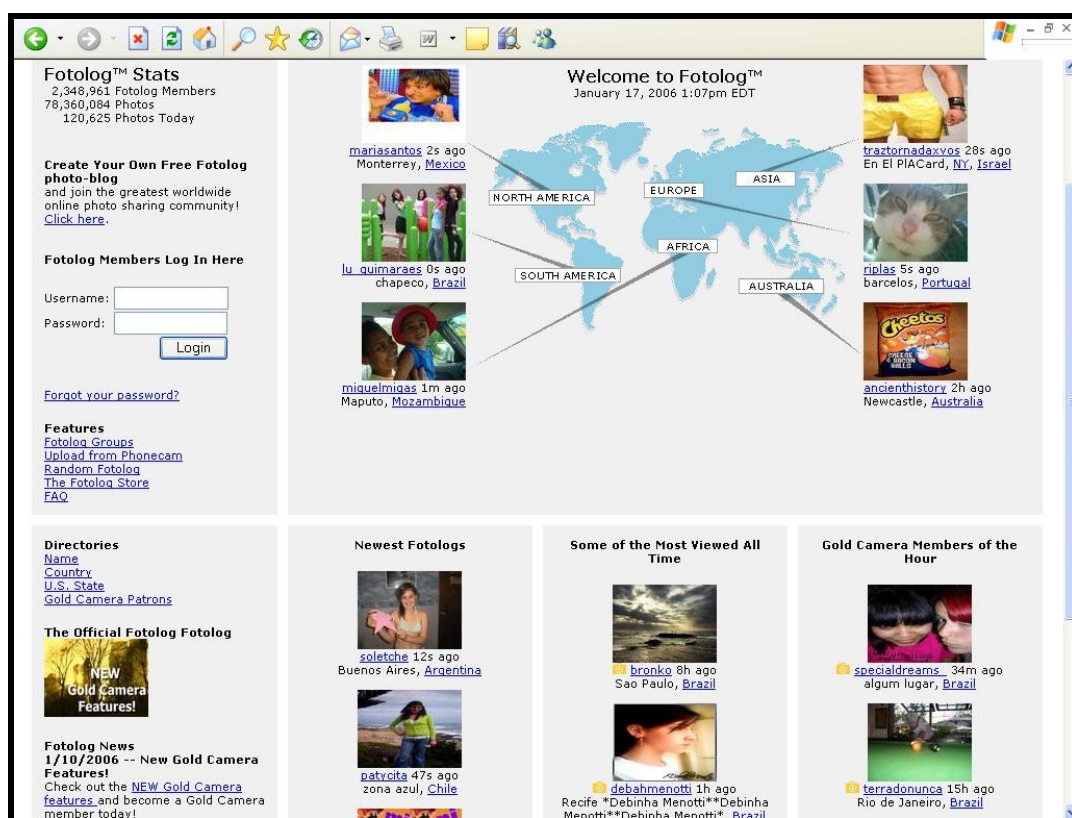
Não são poucos os casos de pessoas que narram aventuras, festas, encontros e grupos de amizade os quais nunca existiu ou que eles não fazem parte, trocando inclusive contatos e formando redes com pessoas que vão em busca daquela personalidade identificada virtualmente, traçando contatos que nem sempre ultrapassam a internet. Evidencio essa faceta do virtual pelo fato de que os blogs promovem a formação de redes sociais na internet, o que não nos afasta desses conceitos de máscaras e construções de identidades.

Mas antes de aprofundar o debate a respeito da formação de redes pelo blog, pretendo nos próximos parágrafos esboçar como o blog é formado e suas ferramentas de uso.

Depois que os diários íntimos ganharam sua versão on-line, através dos blogs, os antigos álbuns de família foram também (re)significados, inicialmente para álbuns virtuais, espaço privado para exibição de fotos onde o proprietário do álbum virtual tem o poder de convidar através de e-mail outras pessoas a olharem parte ou todo o conteúdo de seu álbum. Esse espaço de longe não alcançou a mesma popularidade dos blogs com sua proposta diferenciada. Mas que guardar, eles exibem, mas que convidar indivíduos para olhar, eles agrupam redes de contato, mas que expor o comentário do proprietário do blog sobre a fotografia, ele permite que os visitantes deixem suas opiniões. Assim, os blogs podem ser vistos, grosso modo, como uma

espécie de fusão entre os blogs e os álbuns virtuais, apresentando características pertencentes a ambos. Seus usuários são convidados a diariamente expor fotos de seu cotidiano e complementar a imagem com a construção de um texto aberto a comentários dentro de um limite imposto pela empresa do flog.

Detalhando o funcionamento do flog vou apresentar o exemplo de estruturação do [www.fotolog.net](http://www.fotolog.net) uma das principais empresas nessa área de serviço e onde todos os “flogueiros” colaboradores nessa pesquisa têm hospedagem.

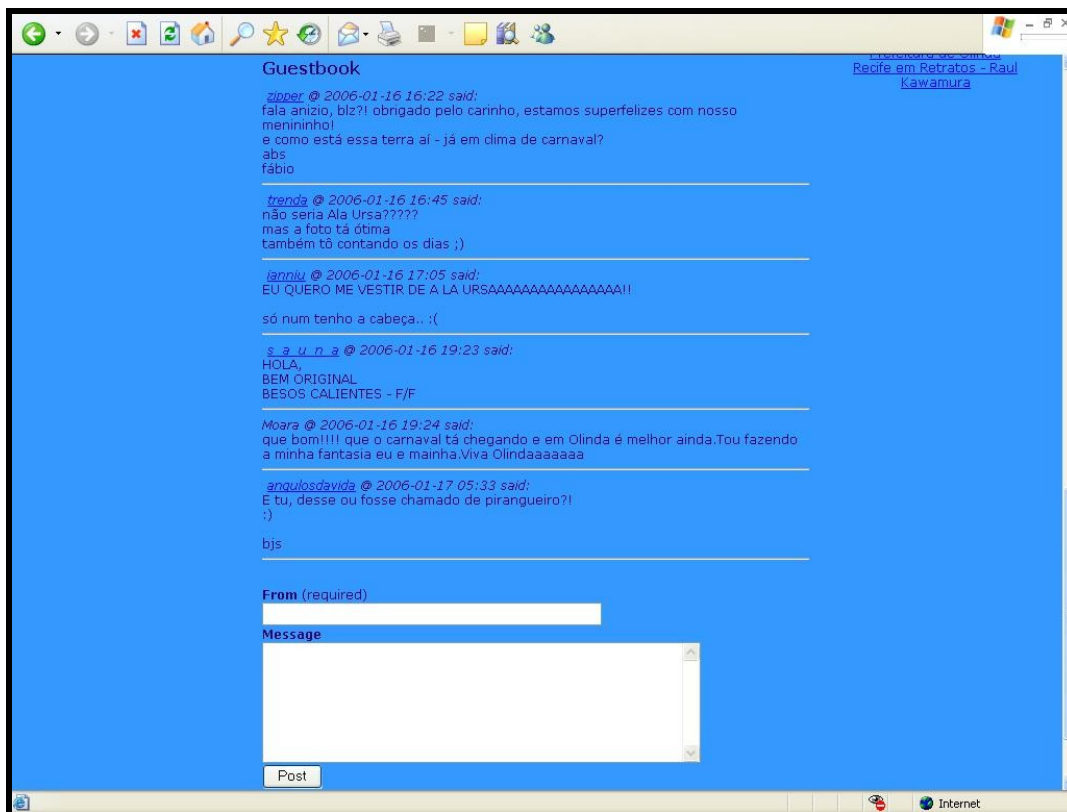


Retirado de <[www.fotolog.net](http://www.fotolog.net)> em 17 de janeiro de 2006

Como pode ser visto na imagem, a atuação da empresa é global, com mais de 2 milhões de usuários entre membros de hospedagem gratuita e os de hospedagem paga que possuem algumas vantagens extras (chamados nessa

empresa de Gold Câmera). Feita a inscrição o usuário tem acesso a um espaço de flog, isto é, o seu flog, onde irá montar diariamente seu álbum de fotos, escrever textos, registrar contatos, como mostra a próxima imagem.





Retirados de <[www.fotolog.net/olinda](http://www.fotolog.net/olinda)> em 17 de janeiro de 2006.

Notem que o autor do flog pode alterar o título, introduzir uma fotografia diária (ou cinco se for “câmera gold”), sendo exibida na parte central do fotolog a última foto postada juntamente com um texto, seguido mais a baixo com um espaço para comentários dos visitantes daquele fotolog. Além disso tudo, o espaço a esquerda exibe miniaturas das seis últimas imagens “postadas” e possui um link abaixo para que possa ser consultado o banco de dados com todas as demais fotografias. Do lado direito é exibida a lista de flogs que possui contato, também sendo possível acessar a lista completa.

À medida que um “flogueiro” visita outros flogs, através de mecanismos de buscas ou por estarem nos contatos de amigos, é possível anexar aquele flog visitado a sua lista de contatos, no qual será exibido na parte esquerda do seu flog



sempre que o convidado postar uma nova fotografia. É nessas trocas de contatos e nas trocas de mensagens entre um flog e outro que vão sendo construídas as redes de interação entre os “flogueiros”, não sendo difícil perceber o universo de interesse dele a partir de seus contatos e do que é exposto nas fotos e textos.

Juntamente a idéia de flog, é bom lembrar, soma-se a ampliação das câmaras digitais, inclusive no que diz respeito ao aperfeiçoamento e relativo barateamento dessas, tornando-se um bem de consumo largamente adquirido pela classe média. O filme não mais existe, a matriz agora é numérica, de onde não se obtém cópias fotográficas, mas sim clones digitais perfeitos.

Cada flog tem seu estilo, quase sempre o objetivo é mostrar-se. Com as motivações das mais variadas, tendo como limite a imaginação e a censura da empresa que hospeda, quase tudo pode ser mostrado. O **anexo 02** apresenta um pequeno panorama de estilos de fotologs feito ainda no plano piloto de minha pesquisa, a dimensão de estilos é bem maior.

Luz, ângulo, sombras, “photoshopagem”... os flogs tornaram-se espaços de descobertas para fotógrafos amadores e profissionais. Além da descoberta por vezes autodidata de curiosos em extrair o máximo do potencial fotográfico, indo do reflexo ao jogo de luz, passando por enquadramentos, poses e ao que pela gíria é comum chamar de “photoshopagem” ou melhor, a alteração da fotografia através de retoques dos mais variados a que a tecnologia digital possa permitir, suas lentes possibilitaram os “flogueiros” descortinar os mais diferentes grupos sociais e culturais. Indo dos espaços privados aos ambientes públicos, todos recebem significações pessoais reforçados mais ainda quando seguidos dos textos.

Normalmente o flog não é produzido por um grupo e sim por uma única pessoa, alguns se fixam não necessariamente no seu dia a dia particular, mas em

um tema como viagens, paisagens, trabalho que apesar de serem temas que podem inclusive ser relacionadas com a pessoa, as fotos nem sempre são. Mas isso não diminui uma análise simbólica do universo cultural.

Em todas as páginas existem espaços para discussão, permitindo que conhecidos e desconhecidos deixem suas observações, mensagens, críticas, convites. Um hipertexto construído ao longo de constantes interações e trocas. Trocas por que normalmente muitos dos que comentam num flog possuem seu próprio flog “linkado” na mensagem o que faz com que receba mensagens de resposta e inicie uma conversa entre flogs que por vezes desvinculasse do assunto o tema daquele dia, levando inclusive o diálogo para outros suportes de interação como programas de mensagens instantâneas a exemplo do MSN.

---

### **Photoshopagem<sup>9</sup>: manipulação digital**

---

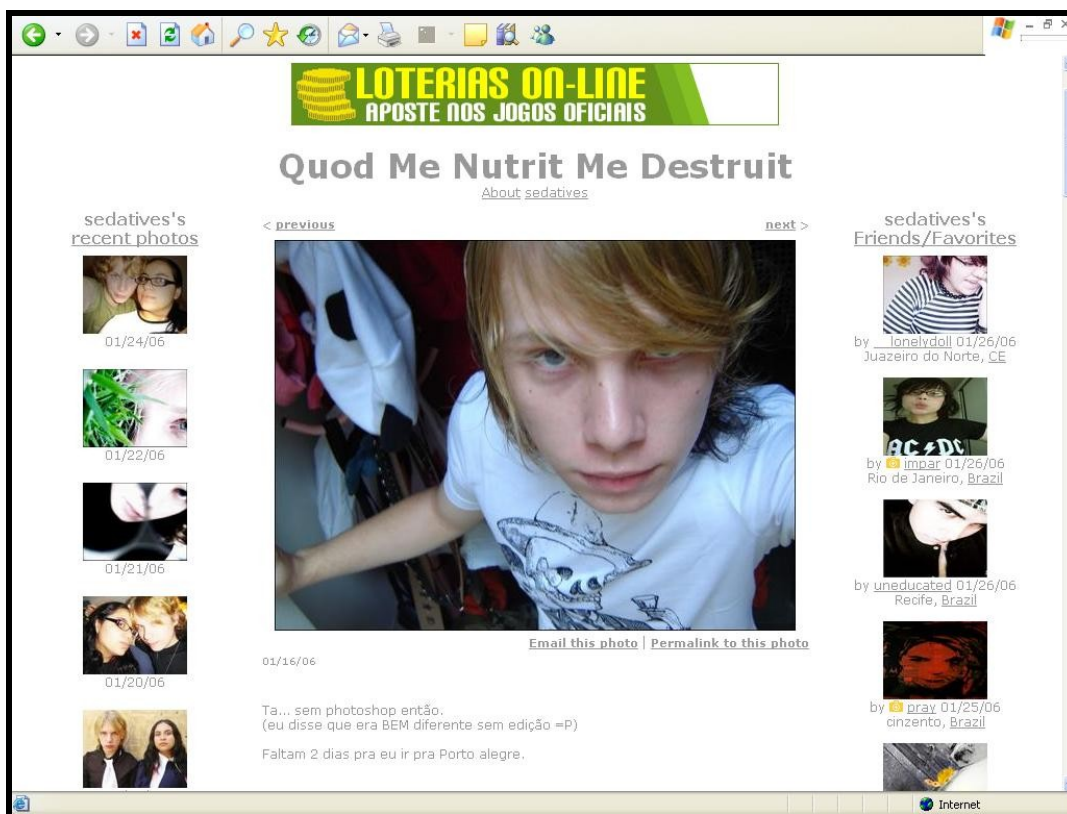
A fotografia digitalizada, seja ela tirada a partir da câmara digital ou “scaneada” é construída a partir de uma matriz de informação numérica, o que possibilita um gama muito maior de manipulação comparado as fotografias analógicas. Muito mais que a hibridação da linguagem em um universo de hipertexto possibilitado pelo fotolog, a fotografia no computador é traduzida em dimensões de

---

<sup>9</sup> Neologismo feito a partir do programa Photoshop muito utilizado na manipulação da fotografia digital. O sentido aqui usado expressa a ação de manipular a imagem, “photoshopagem”.

“píxels” possibilitando a manipulação individual de cada “pixel” na formação de uma nova imagem. Diferente da fotografia analógica, onde não podemos alterar quase nada o grão de prata depois da imagem revelada.

Deparamos-nos com a seguinte questão “se a fotografia fez, no passado, recuar o *valor de culto* da arte artesanal, colocando em seu lugar o *valor de exposição*, agora este valor é substituído pelo que poderíamos chamar de o *valor de criação*, manipulação ou interferência” (PLAZA,1998, p. 199). O fotolog de Sedatives é um exemplo a esse respeito, ao longo de mais de dois anos de flog apenas em uma fotografia ele admitiu não ter utilizado os recursos de tratamento da imagem permitidos pela digital.



Retirado de <[www.fotolog.net/sedatives](http://www.fotolog.net/sedatives)> em 20 de janeiro de 2006.

O texto exposto nesse fotolog é bem indicativo: “Ta... sem photoshop então: (eu disse que era BEM diferente sem edição =P)” As fotografias apresentadas não são somente escolhidas a partir de vários instantes capturados pela câmara, mas são tratadas, pelos programas de manipulação dos pixels de imagens. Mas que o olhar aguçado do fotógrafo para captura um dado instante no uso de sua técnica e na apuração de uma estética observada em seu ato de fotografar, a fotografia digital permite não somente a profissionais, mas a amadores, se preocuparem bem mais com o processo criativo pós-produção fotográfica. Simplesmente com a possibilidade de alteração da imagem a fotografia tirada inicialmente torna-se base para as transformações, ajustes, modificações espaciais, mas que o ato de fotografar, a importância é deslocada para o ato de criar pós-foto.

Folheando uma revista observo fotografias exibidas e não posso deixar de indagar se aquelas imagens são frutos de um instante sagaz percebido pela criatividade do fotógrafo ou se é na verdade uma construção digital, o que não desmerece a imagem mas desloca o seu processo de formação do instante fotografado para o momento de manipulação da imagem. Apesar de não ser regra o uso de manipulação digital nos fotologs, não é pequeno seu uso quando cada vez mais os programas desse tipo vêm tendo suas ferramentas de uso facilitadas para o chamado “usuário comum”.

Pensando a partir da óptica de criação e /ou simulação do real, faz-se perceber um novo potencial agregado a fotografia, permitindo a construção de um novo imaginário.

Nos atuais debates sobre a fotografia digital questiona-se a perda de sua identidade enquanto fotografia, ou no que a fotografia conquistou no processo de formação e documentação de nossa história, deixando ao digital a característica de

ser uma imagem, e até mesmo o valor de referente tão caro para a fotografia pode ser perdido no percurso da manipulação como vimos antes.

Sendo assim não podemos nos afastar do debate sobre a fotografia digital e sua presença na formação dos flogs onde a *photoshopagem* é lugar comum para muitos de seus usuários. Indo mais além, tendo a fotografia digital uma maior facilidade de sofrer simulação e dissimulação do real, independente de sua presença no flog ou não, cresce o número de imagens que fazem parte do nosso acervo cultural da qual não sabemos se são depositárias de alguma credibilidade.

---

### **A Cultura jovem expressa pelo fotolog:**

#### **Quimera ou hibridismo**

---

No contexto desta pesquisa, a maioria dos usuários de fotolog possuía uma faixa etária média entre 12 a 25 anos. Diante desse fato, comecei a pensar sobre o conceito de cultura jovem e se o fotolog poderia ser “apenas” uma manifestação dessa cultura distinguindo-se bem mais dos álbuns de família.

Porém, pensar cultura jovem hoje, leva, antes mesmo, a pensar sobre o que é ser jovem ou se em nossa sociedade jovem é uma categoria de classificação ou apenas uma palavra como diria Bourdieu. Se esvaziarmos a categoria jovem ou juventude da possibilidade de classificação, existiria então uma cultura jovem ou esta categoria só poderia ser entendida enquanto “senso comum” construído historicamente? As insígnias de rebeldia, revolução, contracultura, conflitos e outros

seriam de fato pertencentes aos jovens ou estes apenas “também” se apoderam delas? Essas e outras perguntas estão no bojo desta discussão que pretende enfim questionar a cultura jovem enquanto de um lado a multifacetada representação da quimera que neste simbolismo representa todas as formas de juventude e do outro o hibridismo proposto por Latour, aqui lançado para o conceito em questão.

Traçando algumas perspectivas a respeito do tema, temos que a juventude no campo da assistência tem idade. Ora vai de 12 a 18 anos, se pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, ora de 15 a 25 anos para a maioria dos projetos de pesquisas, dando a essa juventude uma faixa etária dentro de um desenvolvimento biológico, assim como infância, adolescência e vida adulta, como se a idade bastasse para determinar aspectos relacionados a identidade, gênero, poder entre outros. O que temos então é uma forma de agrupar várias pessoas dentro de um mesmo conceito ciente de que está sendo deixado à revelia outros possíveis elementos de sua composição e que “... é impossível pensar a categoria juventude sem se considerar o campo no qual ela se situa, ou seja, quem são os jovens de que falamos e “assistimos”? Trata-se do conjunto de jovens da sociedade ou são os jovens pobres?” (ALVIN, 2000, p.43).

No livro “Juventude anos 90” Alvim trabalha com a categoria juventude vista como construída na realidade social, propondo substituir a imagem do jovem pela dos grupos: grupo dos jovens burgueses, dos jovens operários, etc. Operando uma reflexão sobre a construção dessas categorias na sociedade (notadamente a dos jovens das gangues a que se trata seu trabalho) e a influência da mídia na percepção destes grupos. Sendo assim, a juventude é uma categoria que negocia com a sociedade.

Bourdieu também pretende demonstrar que a juventude, percebida numa divisão entre as idades se torna arbitrária já que na busca de construir limites “a fronteira entre juventude e velhice é objeto de luta em todas as sociedades” (BOURDIEU, 1983, p.142) podendo essa luta aparecer não só através da idade, mas do sexo, da classe, etc, na tentativa de distinguir lugares, de separar poderes para a manutenção de uma ordem social. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas. Cada campo trás em suas especificidades os objetos de sua divisão, a juventude deve assim ser percebida em sua pluralidade.

“juventude é um período de transição, no qual o sujeito não é criança, nem adulto. Podemos caracterizar este período de transformações, como um processo de criação de identidade, marcado pela busca de uma caracterização social.”

(Assessoria da juventude da prefeitura Municipal de Caxias do Sul)

Apresento o conceito proposto pela prefeitura para ilustrar mais uma forma de ver a juventude, para ela, ao que parece, apenas nesta fase construímos nossas identidades e não que estamos continuamente em processo de construção, negociando nossa visão individual com a coletividade, com a sociedade e com a história.

Se não conseguimos identificar com facilidade as fronteiras do ser jovem, ao menos ouvimos em nossa sociedade com certa intensidade a palavra jovem e suas associações com a mídia, moda, música, arte entre outros campos, o que pode fornecer algumas pistas sobre o que seja essa cultura. Alguns a identificam junto ao rock, ao hip hop, ao RPG ou ao clubber nos estudos sobre juventude e não é de se negar a visibilidade de uma maioria de pessoas entre 12 a 24 anos que estejam nesses grupos, mas como vimos anteriormente o fator etário não seria suficiente

para determinar a juventude, os sessentões Rolling Stones levam a seus shows mais de duas gerações de fãs que se identificam com uma certa cultura rock. Bourdieu fala dos jovens trabalhadores que passam da infância às responsabilidades da vida adulta, diferente do prolongamento da adolescência vivido pela juventude burguesa, enfim a cultura jovem aparece bem mais em nossa sociedade globalizada como um “senso comum” de fronteiras fragilizadas do que como ilhas de certeza sobre o espaço ocupado pelo “jovem”.

Onde quero chegar é que talvez as perguntas sejam outras, o fotolog apesar de uma manifestação que possa ser identificado num senso comum como jovem, porém, em dada medida pela própria característica da telemática de história ainda recente, poucas gerações nasceram de fato dentro dessa *cultura da internet* muitas gerações na verdade se viram obrigadas a uma reeducação para utilizá-la, sendo necessário um maior afastamento temporal para perceber os limites do fotolog e demais desmembramentos possibilitados pelo hipertexto.

### **Juventude no campo das múltiplas identidades**

De acordo com a perspectiva de Durkheim as relações sociais são construídas socialmente, tornando-as exteriores aos indivíduos e exercendo uma força sobre eles. Assim, as representações sociais terminam se tornando “um ser” capaz de moldar o indivíduo. Essa discussão será retomada e analisada por autores como Tim Ingold e Latour que vão se opor a idéia de mundo como uma construção cultural, por está imbuído conceitos que dividem o mundo em duas dimensões, a da cultura e a da natureza. Estes autores sustentam a necessidade de perceber que o indivíduo torna o objeto cultural e a cultura biológico.



Desta forma, retomando a discussão sobre cultura jovem, a quimera simbolicamente representa a capacidade de mutação e aqui, mas precisamente, a diversidade de idéias em torno de uma única palavra ou conceito. Assim, cultura jovem sendo quimérica conseguiria englobar as mais diversas formas de juventude, seria um conceito que em si desse conta da multiplicidade, uma proposta da modernidade. O ser híbrido por sua vez alcança ao mesmo tempo várias dimensões, ele não é jovem, mas também é jovem, na verdade os híbridos são os não-humanos objetivos e as sociedades que se combinam e recombinaem livremente e não dependem mais de um fluxo temporal homogêneo para ser entendido, ou melhor, deixamos de tentar explicar o conceito de juventude para englobar um conjunto social onde o termo não parece alcançar sua função e começamos a pensar nas múltiplas identidades que não se restringem a sociedade, mas que englobam inclusive os não-humanos.

Entretanto, ambas as questões podem estar corretas a depender de como iremos analisar os aspectos da juventude. Como forma de classificação construída sócio-historicamente, a juventude e sua cultura ainda podem ser distinguidas e agrupadas com limites mutáveis e negociáveis com a sociedade de forma a não permanecerem fixas. Por sua vez, a juventude construída na modernidade foi paulatinamente incorporada ao ponto de hoje a cultura ocidental apresenta-la como seu emblema principal, emblema este que transpassa fronteiras de tal forma que distinguir o que seria próprio de uma cultura jovem se escapa, ainda mais quando a pureza entre natureza e cultura proposto pela modernidade em sua Constituição, capaz de distinguir entre esses dois pólos [natureza e cultura] os fatos, as sociedades e suas retóricas, não conseguiram dar conta de seus objetivos como assinala Latour em sua obra (Latour, 2000). Como híbridos nos formamos no plano

da natureza-cultura, ambos a um só tempo e a juventude e sua cultura jovem nos escapam como conceitos que expliquem, sendo palavras que nos trazem certo entendimento.

“Você acredita que o trovão é uma divindade? A crítica irá mostrar que trata-se, nesse caso, de mecanismos físicos sem influência sobre os acontecimentos do mundo humano. Você está preso em uma economia tradicional? A crítica irá mostrar que os mecanismos físicos podem transformar a evolução do mundo humano ao mobilizarem gigantescas forças produtivas. Você acredita que os espíritos ancestrais o prendem eternamente a suas leis? A crítica irá mostrar que os espíritos e as leis são construções sociais que você criou para si mesmo. Você pensa que pode fazer tudo e desenvolver sociedades de qualquer forma que desejar? A crítica irá mostrar que as leis ferrenhas da sociedade e da economia são muito mais inflexíveis que as dos ancestrais. Você está indignado que a sociedade seja laica? A crítica irá mostrar que a espiritualidade foi libertada por este laicismo, e que uma religião completamente espiritual é bem superior. Você pensa em ser religioso? A crítica irá rir de você até não poder mais” (LATOUR, 2000, p.43) .

Jamais fomos modernos, não funcionamos de acordo com as divisões propostas na modernidade, a quimera em seu conceito não explica a totalidade de suas formas, a juventude como tal não existe. Não é a cultura jovem que transborda os limites da modernidade, são os híbridos que possuem múltiplas identidades.

### CAPÍTULO 3 – FELIZ ANIVERSÁRIO

---

"Em sua forma plena [...], a festa deve ser definida como o paroxismo da sociedade (ideal), que ela purifica e que ela renova por sua vez. Ela não é seu ponto culminante apenas do ponto de vista econômico. É o instante da circulação de riquezas, o das trocas mais consideráveis, o da distribuição prestigiosa das riquezas acumuladas. Ela aparece como o fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a "revigoração" do ser: o grupo se rejubila pelos nascimentos ocorridos, que provam sua prosperidade e asseguram seu porvir. Ele recebe no seu seio novos membros pela iniciação que funda seu vigor. Ele toma consciência de seus mortos e lhes afirma solenemente sua fidelidade. É ao mesmo tempo a ocasião em que, nas sociedades hierarquizadas, se aproximam e confraternizam as diferentes classes sociais e onde, nas sociedades de fraternias, os grupos complementares e antagonistas se confundem, atestam sua solidariedade e fazem colaborar com a obra da criação os princípios místicos que eles encarnam e que acredita-se, ordinariamente, não devem se juntar." (Caillois, 1950, p. 166).

A investigação atravessou um longo período de mais de dois anos de contato e à medida que a pesquisa progredia não só pude ter acesso aos álbuns de família, mas a freqüentes entrevistas que incluiu festas, encontros, comemorações e evidentemente, aniversários, casamentos, batizados, formaturas, e outras formas rituais significativas e reveladoras de sociabilidade familiar que foram alvos de novas fotos a compor os álbuns. Tudo isso, serviu-me de palco para um verdadeiro laboratório de memória, momento de encontros e reafirmações de laços comuns aos grupos. Dos aniversários merecem maior destaque e será trabalhada na

continuidade de minha análise, a comemoração dos 50 anos de D.Maria dos Santos a primeira das irmãs a completar e comemorar a idade, constituindo logo depois, um pacto entre as demais irmãs a respeito dessas comemorações em especial.

A intenção desse capítulo foca-se em um momento que por excelência se busca registrar através das fotografias, o momento das festas, dos aniversários, das comemorações em família, onde o “clic” da máquina fotográfica é quase uma certeza na procura por perpetuar aquele instante.

É bem verdade que a festa vem sendo, desde muito tempo, palco de análises antropológicas, tendo como principal característica a reafirmação dos laços entre seus participantes. São nesses momentos de festa que as crenças coletivas e as regras que tornam possíveis a vida em sociedade reanima “periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais” como expõe Durkheim (1968, p.536).

Assim, para Durkheim a consciência coletiva (que em dado modo pode ser comparada a memória coletiva de Halbwachs) perde suas forças com o distanciamento do grupo ao longo do tempo. Logo, são imprescindíveis tanto as cerimônias festivas quanto os rituais religiosos para reavivar os “laços sociais” que correm, sempre, o risco de se desfazer. No sentido dado por Durkheim podemos entender que quanto mais festas um dado grupo realizar, maior seria sua resistência ao rompimento.

Apesar dessa característica que a festa tem de reanimar os laços, transformações sociais vêm ocorrendo e é no mínimo curioso como, na sociedade em que vivemos diversas dessas práticas rituais e cerimoniais vêm atravessando significativas mutações, sendo muitas vezes reinterpretadas conforme o estilo de

vida societal na qual se encontra inserido o indivíduo. Conforme a perspectiva proposta por Segalen “... não existem rituais “novos”, apenas rituais “contemporâneos”, na medida em que o estoque de referências simbólicas em que se abasteciam está acabado, na medida em que também eles supõem sempre uma estrutura com um começo e um fim.” (Segalen, 2002, p.151). Assim, parece não existir uma reinvenção dos rituais já que simbolicamente eles matem as estruturas. Sua aparente diferença está nas referências aos sistemas de valores em que o indivíduo sintetiza suas diferentes associações.

---

## **A GRANDE FESTA**

As fotos já não paravam em um único lugar, passando de mãos em mãos: os álbuns e fotos avulsas guardavam lembranças, aflorando recordações que brincavam com a memória de cada um dos participantes daquela festa. Na grande reunião familiar a tapeçaria da memória era construída por fios individuais que buscavam alcançar um formato coletivo para aquela peça, mesmo que em alguns momentos os fios assumissem pontos diferentes, as “Ariadnes” teciam suas narrativas e refletiam em cada nó as diferentes histórias, sociedades e culturas. Ali se tecia, fiava e cortava os fios da vida.

\*\*\*

O que se segue é um relato ficcional escrito a partir dos depoimentos colhidos por mim, das irmãs D.Maria, D.Alba, D.Vera, D.Madalena, D.Lourdes, D.Marina a respeito do aniversário dos 50 anos de D.Maria comemorados em 2004.

A primeira das seis irmãs há fazer 50 anos foi D.Maria e achávamos que devia ser uma data marcante, pois, afinal, representava meio século de vida. Conversamos entre nós e a comemoração seria feita num domingo, porque seria mais fácil reunir todo mundo. “Nossas festas são geralmente no dia do aniversário mesmo”, lembrava uma das irmãs. A família se esforça para chegar naquela “horinha combinada” e logo que se parte o bolo cada um corre para sua casa por

conta dos afazeres, mesmo porque “o dia a dia não permite mais que fiquemos horas em conversas”. O consenso familiar decidiu então que seria no domingo: “um dia todo somente para a família”.

Mas tarde chegou mesmo a escutar comentários (assinalou D.Maria) de que todo esse esforço tinha a ver “com a morte recente de nossa mãe”, e que isso contribuía para “querermos estar mais juntas” como numa homenagem muito mais a ela do que para com a própria aniversariante. Pondera D.Maria, “não vejo bem assim! Sempre tivemos uma tradição familiar de encontros... todas nós procuramos dar nem que seja uma passadinha na casa de quem está aniversariando para marcar nossa presença”.

Ao mostrar-me algumas antigas fotos, apontava-me para detalhes de eventos passados e confrontava com o presente, através de fotos mais recentes: “quando éramos pequenas não podíamos comemorar nosso aniversário com festas, bolos... essas coisas que hoje os meus filhos e sobrinhos fazem... Não tínhamos condição.” Quase não se percebia que era um dia diferente porque estávamos sempre todas juntas em casa: presente ou festa seria um luxo que nossos pais não podiam nos dar. Isso foi totalmente diferente para nossos filhos que já puderam ter uma vida muito mais confortável que a nossa... tendo em vista, entre outros fatores, nosso crescimento financeiro.

A festa de D.Maria foi idealizada por suas irmãs para se desenrolar durante todo um dia, com a participação da família. Para compensar o que não foi possível no passado, as irmãs se mobilizaram para preparar uma festa que reunisse todos os ritos de passagens: aniversários infantis, 15 anos, até a maturidade dos 50 e queríamos que certos momentos que normalmente marcam, que não tivemos,

fossem feitos de uma só vez. Assim, teríamos as festas infantis, os 15 anos, até chegar realmente no momento de partir o bolo dos 50 anos. As irmãs se dividiram nos gastos, mas para a aniversariante tudo foi surpresa.

Cada espaço da casa foi mudado, ganhando um novo tema. Na porta de entrada bolas coloridas típico de festas de criança. Bolas coloridas era o que não faltava em toda entrada e terraço. A entrada é o momento da acolhida, de receber a família ou os convidados que chegam.

Tinha também faixas com dizeres afetivos: cartazes para os convidados escreverem suas mensagens e um enorme parabéns.

Não só era uma manhã clara e bem refrescante como todos os convidados tinham se programado para aquele evento: filhos, irmãs, sobrinhos, cunhados, genros ou os poucos amigos convidados. Todos haviam desmarcado seus afazeres para ficar com D.Maria.

Era engraçado também ver D.Maria usando um vestido rosa desses que as moças antes da valsa usam. Foi um presente de uma irmã. Contente com a surpresa, D.Maria recebia todos que chegavam à porta e, depois, os convidados iam se distribuindo entre as mesas da recepção improvisada.

É interessante como mesma conversa volta e meia é retomadas, tem certas histórias que são quase certas de serem comentadas nesses encontros. Os casos de nossa infância e adolescência são sempre lembrados e mesmo os filhos e sobrinhos que ficaram em outras mesas comentando suas próprias aventuras, às vezes paravam para ficar ouvindo. Esse é o espírito da família, desde muito tempo estamos reforçando nossos laços e as novas gerações são estimuladas a isso também.



Mas a animação da festa contagiava velhos e novos num diálogo intergeracional significativo para se entender as diferentes lógicas que orienta o processo de capturar, guardar e arquivar imagens. Aquele encontro não somente revelava os anos, como também os gostos, valores e interesses de gerações. Os jovens se agrupavam em torno de uma mesa no terraço da casa. No interior, a geração “mais velha” da família posava para os retratos em câmara digital tirada pelos sobrinhos.

Não era segredo para nenhum dos convidados que nenhuma de nós teve a oportunidade de ter esses momentos na nossa infância e que estávamos ali recriando. Numa data simbólica vivíamos um pouco do que não foi possível num tempo em que até a casa perdemos na enchente.

O dia transcorreu movimentado, momento propício para a confraternização familiar e intergeracional. Muitos registros de imagens foram feitos durante diferentes etapas rituais do aniversário. A noite já vinha chegando e com ela o desfecho da festa, D.Maria já tinha trocado de vestido: agora era branco. Se era para compor uma última etapa do ritual, deveria se vestir conforme manda o figurino.

Foi um dia especial na vida de D.Maria e de suas irmãs: recordações e muitas histórias. Os mais jovens participavam curiosos nas conversas. As irmãs falavam de como eram quando jovens e de como as coisas haviam mudado ao longo do tempo. Num dado momento, a mais velha das irmãs dirigiu-se ao quarto para apanhar um velho álbum que havia trazido naquela manhã. Fotos sépia, algumas já desbotadas pelo tempo, ou pela ação aleatória dos anos. Relembavam as bodas de D.Maria: ela num vestido simples e branco segurando um ramalhete de lírios pálidos feitos de pano sendo acompanhada por um amigo do casal pela entrada da Igreja. Bem diferente das fotos de casamento de sua filha, período em que a família já se

encontrava em uma melhor situação financeira, preocupando-se com toda ornamentação da Igreja, com as vestimentas da família, além do próprio ângulo e enquadramento das fotos que acusam um profissional manuseando a máquina. Eram detalhes identificados pelos mais jovens, alguns fogueiros e interessados na arte da fotografia. Seguindo a ordem classificatória, vinham as imagens dos casamentos das irmãs. Algumas delas já não se reconheciam mais nas fotos. Curiosos, os filhos indagavam por detalhes. Não se contendo, D.Maria, uma espécie de guardiã da memória familiar, foi buscar a sua velha caixa de retratos que já havia exibido durante o dia. Antes justificou que os álbuns haviam se danificados, destruídos pelos malditos cupins. Algumas fotos também não resistiram. Por sorte, a maioria delas sobreviveram para contar a história. Preveiu de que compraria novos álbuns para colar as velhas fotos e de que necessitaria da ajuda das irmãs para recompor a ordem cronológica tal como havia deixado a sua falecida genitora: nascimento, batizado, primeira comunhão, quinze anos, formatura, casamentos: todos os ciclos vitais das irmãs. Agora eram muitas as fotos. A família havia crescido: novos acontecimentos haviam sido registrados. Estavam todas embaralhadas e necessitavam de uma seqüência. Não poderia misturar as gerações, tampouco os vivos e os mortos. Consultava os que estavam ali presentes se deveria arrumá-las pela ordem genealógica e, portanto, cronológica. Tinha dúvida se deveria incluir em um mesmo álbum os sobrinhos e suas respectivas famílias: marido, mulher, filhos, amigos, etc. Logo ponderou que não. D.Maria era ainda daquelas que tinha por princípio conservar a hierarquia da família. Primeiro, os antepassados, para depois virem as gerações posteriores. Houve certa discordância por parte dos mais jovens que se sentiram menos considerados no panteon familiar. Pedro, um fogueiro, logo se pronunciou contrário a idéia de hierarquizar as fotos.

Orientado por sua lógica virtual, lembrava que “a seqüência não alterava o produto”, ou seja, a história da foto poderia ser entendida sem independentemente do conjunto. D.Maria não entendeu o que Pedro queria exatamente dizer. Também não hesitou em negar o pedido de Pedro que lhe havia proposto “escanear” uma das fotos do seu bisavô para exibir em seu flog. Logo arrematou D.Maria: “com fotos não se brinca”, quanto mais profaná-las... Pedro, em tom de provocação, perguntou a tia Maria se poderia exibir a foto dela dançando a valsa e cortando o bolo. D.Maria respondeu irritada de queria as fotos reveladas em papel e de que não gostaria vê-las exibidas no computador ou na televisão, pois gostaria de fazer um álbum só para ela, reunindo toda a família.

---

### **OLHANDO PARA TRÁS: Memória e lembrança**

---

O ato de memorar, de recordar, de trazer à tona lembranças de um passado vivo no presente, pode tanto ser um ato consciente, um esforço mental com pretensões de relembrar cenas vividas. Isso pode se manifestar num ato involuntário de lembranças que irrompe o pensamento. No esforço sistemático de recordar um determinado evento, vemos emergir uma lembrança que aparenta em nada se correlacionar com o primeiro evento lembrado. É como pensar sobre como foi um ano específico na escola e perceber que em meio ao encadeamento de lembranças

que venho trazendo no pensamento, trago a tona uma festa de natal sem que uma relação *a priori* se estabeleça entre a escola e a festa.

Quando voltamos nossos olhos para trás, quando nos deparamos com o túnel do tempo, seja de modo consciente ou involuntário. Usando o método empregado por Proust, de uma memória involuntária que irrompe, ou buscando conscientemente uma memória voluntária, nos deparamos com o difícil processo de construção do passado. Imagens borradas, rostos sem cenário, cenas que emergem numa ordem de encadeamento diferente de como aconteceu, mas que procuramos organizar numa dada lógica na tentativa de narrar a outras pessoas o que foi lembrando, a memória se vincula ao próprio processo sócio-cultural de comunicar, a memória é social.

Nesse contexto de lembranças e memórias, as fotografias configuram suportes que ora complementam as lembranças, ora as ativam. Por sua característica de registrar um instante vivido, ela auxilia a dar cor, forma, cenário, a remontar cenas, eventos, momentos. Enfim, a fotografia nos ajuda olhar para trás e ver o passado com os olhos do presente.

Em poucas linhas apresentei conceitos sem aprofundá-los, cheguei a definir o que é memória social, sem, contudo, analisar as dimensões individuais. Essas e outras questões serão agora discutidas. Entretanto, caberia aqui nos indagar: Memória e lembrança são análogas? Teria diferença entre uma e outra?

\*\*\*

Meses depois da festa de aniversário de D.Maria, estive em sua casa. Agora o espaço parecia adquirir a feição concreta de seu prosaico cotidiano. Nas paredes, fotos dos pais, algumas da formatura de D.Maria e de seu casamento. Sobre os móveis alguns porta-retratos, com fotos dos sobrinhos. Previamente, combinamos

de que iria naquele dia ver detalhadamente suas fotos. Os novos álbuns que D.Maria havia comprado depois do aniversário já estavam me aguardando sobre o centro da sala. Iniciei uma conversa sobre a festa de aniversário. D.Maria, ainda tomada pela surpresa, comentava em detalhes o acontecimento. Esperava ansiosa as fotos digitais que Pedro havia lhe prometido. O álbum já estava comprado, esperando apenas as fotos chegarem.

Comecei a fazer-lhe perguntas. Somente algumas pré-selecionadas, com o intuito de facilitar o deslanche da conversa a respeito das lembranças trazidas pelas fotografias. D.Maria interrompeu bruscamente a conversa. Abrindo um dos álbuns me perguntou: Que significa esta foto aqui para você? Qual a lembrança que ela lhe remete? Fiquei desconcertado com pergunta! Eram fotos de pessoas e lugares que me eram completamente estranhos. Apenas sorri e fiz um gesto com a cabeça, sem saber o que responder a D.Maria. Depois de um breve silêncio, me indaguei: “que lembranças aquelas fotos me traziam”. A primeira idéia que me ocorreu era dizer-lhe que de fato não reconhecia as pessoas, tampouco os lugares estampados naquelas fotos.

Passada a surpresa, comecei a refletir em voz alta. Embora aquelas fotos não fizessem parte das minhas memórias pessoais, a fotografia enquanto registro poderia me falar a respeito de como numa determinada época, um determinado grupo se comportava, se vestia, como bem já chamou a atenção o historiador inglês Peter Burke no livro *Testemunha Ocular*. Quanto a D.Maria, simplesmente me respondeu: quando se vive um acontecimento e está gravado sob forma de fotografia se faz sempre lembrar de algo.

Independentemente do valor documental e histórico de reconstituição de uma época, a observação de D.Maria era pertinente. Partindo dessa última perspectiva, poderia em primeiro plano se pensar que toda a fotografia, mesmo que não pertença a minha própria rede de relacionamentos, é capaz de me trazer lembranças. Ver uma foto amarelada, que não consigo identificar o local, nem muito menos as pessoas que a compõe, mas, entretanto, pelos seus trajes de época se pode identificar a um determinado período da história. São lembranças, algumas de minhas experiências vividas, outras são recordações de uma época que nunca estive a não ser por meus próprios estudos. A memória se diferenciaria?

Muitos fatores estão imbricados nas questões de memória, entre eles, destacam-se questões envolvendo a memória e a identidade, tomando como referência que a identidade cultural de um grupo só pode ser compreendida ao estudar suas relações com os grupos vizinhos. Uma fotografia de outro nos traz informações de nós mesmos devido às relações de convergências e divergências do representado. Quando D.Maria me mostrou a foto eu não fazia parte daquele grupo social, mas o espaço cultural comum me comunicava algumas informações a respeito deles e, em algumas cenas comuns em demasiado com as que eu próprio vivi ativavam as minhas próprias memórias.

De forma semelhante, a fotografia amarelada que trazia um grupo e um local do qual jamais fiz parte, inclusive temporalmente, me comunicava culturalmente, por ter em minhas próprias lembranças idéias de como se apresentava em imagens anos que não vivi. A memória, mas que ser pessoal, mas que ser uma memória individual, teria então dimensões sociais e culturais?

Bergson foi um dos primeiros pesquisadores a trazer a memória em discussão elaborando sua pesquisa através de toda uma metodologia intuitiva. Para

Bergson o passado sobrevive de duas formas distintas, seja por meio de mecanismos motores, seja em lembranças independentes. Dessas duas trajetórias teremos formas diferentes de lembranças, uma que se adquire pelo hábito, pela repetição. Trata-se mesmo de uma ação por exigir todo um movimento de articulação, como o processo de decorar; e uma outra forma, a imagem-lembrança, que “imprimiu-se necessariamente de imediato na memória” (BERGSON, 1999, p.86), construindo uma representação do instante vivido, onde atribuo uma representação arbitrária que posso abarcar de uma só vez como num quadro.

Bergson apresenta essas duas lembranças na base de duas memórias: A primeira, sob forma de imagens-lembranças, registra cada acontecimento, seu lugar e sua data. Mas toda percepção prolonga-se em ação nascente, esse tipo de memória a bem da verdade, não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente.

A lembrança espontânea é imediatamente perfeita, o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la, ela conservará para a memória seu lugar e sua data.

O esforço de Bergson se deu em distinguir a memória da percepção pura, mas não foi ainda esse estudioso que pensou a memória em outras dimensões, que envolvesse os questionamentos da memória em parâmetros que passassem os processos individuais e os estabelecesse numa dimensão de interrelação com as demais pessoas, que analisasse os efeitos da sociedade e da cultura sobre a memória de cada um.

Novos conceitos então foram sendo inseridos nesse debate sobre memória e lembrança, memória individual e memória coletiva. Mais que essa relação do

presente com o passado lido dentro de uma subjetividade vivida, a memória está inserida nos grupos, na cultura e na sociedade. Halbwachs (1990) em seus estudos destaca que a natureza da lembrança é social, nos aparecendo através de um emaranhado de redes formadas em nossas vidas.

Trilhando então o caminho dos estudos sobre memória, já é possível apontar que a lembrança é o resultado da faculdade de memória, mas que podemos distinguir na verdade tipos diferentes de memória. As lembranças trazidas pela fotografia para D.Maria estavam atreladas a tempos vividos aos quais certas cenas provocaram lembranças involuntárias. Já para mim, aquelas fotos, através de um esforço consciente de lembrar e sendo elas desvinculadas de meus grupos de sociabilidades, me serviam para reconhecer elementos que por esforço conseguiria entrecruzar com minhas próprias lembranças.

Na pesquisa desenvolvida por Ecléa Bosi (1983) é mantida uma distinção entre lembrança e memória. De acordo com a autora, lembrar significa despertar o passado, combinando com o processo corporal e presente da percepção, misturando dados imediatos com lembranças. A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. A autora ainda declara que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que muda conforme o lugar que algo ocupa e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Porém o fato da memória ser de natureza social não implica por essa ordem que as lembranças comuns a um mesmo grupo sejam dadas da mesma forma. A fotografia no álbum bem pode representar essa idéia. A fotografia captura uma cena vivida, mas não nos seus diversos ângulos de possibilidade, captura a partir da escolha, do posicionamento do fotógrafo. A foto não é a cena, é sim uma



representação dessa cena, capturada num dado momento em um determinado viés. Além da própria presença de imagens na foto, certas ausências podem ser tão representativas quanto os elementos que a compõe, isso porque existem memórias subterrâneas, memórias que acham espaço no silêncio, no não dito, na perspectiva de Pollack, carregam em si um gama de significados que ganham importância dependendo do contexto a que são inseridos. O esquecimento, tanto relacionado a não presença de certas imagens nas fotos que poderiam ser lidas culturalmente, como a ausência de um pai vivo no casamento, ou o silêncio a respeito de lembranças que por serem dolorosas, não se pretende verbalizar.

---

### **A memória em questão.**

---

Algumas noções envolvendo lembrança e memória fora sendo apresentadas, auxiliando na familiarização do tema que agora pretendemos tomar uma análise de forma um pouco mais densa em sua característica conceitual. Como se sabe, a pesquisa em questão tem como principais bases teóricas a respeito da memória a perspectiva social dada por Halbwachs, ampliada nas discussões propostas por teóricos como Nora, e nesse percurso passando por demais teóricos que ao longo de suas análises contestaram, defenderam ou ampliaram as idéias lançadas nos estudos sobre memória social, caro para a compreensão da fotografia como um lugar de memória.

Ao longo do tempo a noção de memória foi visualizada através de diferentes perspectivas. No âmbito da filosofia, destacam-se como referências importantes os trabalhos de Henri Bergson, *Matéria e Memória* (1999), e de Gaston Bachelard, *A poética do devaneio* (1988). Ambos procuram tratar o fenômeno da memória a partir de uma vivência pessoal, ou seja, como prolongamento de uma atividade legítima do espírito humano que costuma se exprimir através de lembranças de imagens, evocações, «conspirações noturnas», etc.

Outros autores preferem abordar o mesmo fenômeno como possibilidade de lidar com experiências adquiridas no passado e transmitidas no presente. Entre eles, Walter Benjamin (1968), que explora o caráter aurático e involuntário da memória, onde a história oficial constitui uma versão deformada do passado construído no presente – vem de encontro ao trabalho um número crescente e multifacetado de estudiosos que se foram debruçando sobre a problemática da memória (individual e coletiva) e da percepção do tempo. Dessas reflexões resultou a constatação da influência decisiva do presente sobre a percepção do passado, desfigurando-o e distorcendo-o. O sociólogo francês Maurice Halbwachs, na sua célebre obra póstuma *'A Memória Coletiva'*, diria a esse respeito que “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (1950, p.70). Reflexões mais recentes ampliam essas conclusões sugerindo que não só as condições presentes influem a percepção do passado, mas a própria vivência do presente é influenciada pelos acontecimentos passados e pela percepção desses eventos passados (Connerton, 1993).

No âmbito da criação literária, sob forte inspiração bergsoniana, Marcel Proust foi capaz de construir sua monumental *Em busca do tempo perdido* (1919-1927), em que as lembranças da memória encontram-se submersas na temporalidade interior, deixando-se aflorar quando motivadas ou provocadas involuntariamente pelas sensações do espírito ou «intermitências do coração».

Memória coletiva sendo, sobretudo, oral e afetiva, pulveriza-se em uma multiplicidade de narrativas. A memória é a tradição viva, a história é uma reconstrução intelectual sempre problematizou e demandou análise e uma representação sistematizada e crítica do passado.

Os lugares da memória representariam menos uma ausência de memória ou a manifestação de uma memória historicizada do que a erupção afetiva da memória em seu diálogo sempre atual com a história.

Assim, para a memória involuntária, Proust teoriza: “cada dia atribuo menos valor a inteligência. Cada dia percebo melhor que é apenas fora dela que o escritor pode aprender alguma coisa de nossas impressões passadas (...) O que a inteligência nos dá sob o nome de passado não é ele” (PROUST, 1971, p.211).

Para Bergson e Proust memória voluntária não atinge o pleno estatuto de memória, ela configura uma memória menor, corriqueira e superficial, pois atada ao hábito e à vida prática, à repetição mecânica e passiva; A memória voluntária não é nada além da anódina memória dos fatos.

“A memória voluntária, que é sobretudo uma memória de inteligência e dos olhos, nos dá do passado apenas faces sem verdade; mas quando um odor, sabor encontrados em circunstância muito diferente despertam em nós, apesar de nós, o passado, sentimos o quanto este passado era diferente do que acreditávamos lembrar, e que nossa memória voluntária pintava, como o fazem os maiores pintores, com cores sem verdade.”(PROUST, 1971, p.558).

Portanto, a memória voluntária é uma memória uniforme e, sem grande porte, enganadora pois opera com imagens que, apesar de representarem a vida, não guardam nada dela. “Podemos prolongar os espetáculos da memória voluntária que não exige de nós maior forças do que folhear um livro de imagens.” (PROUST, 1992, p.873).

“Para uma outra esfera da memória, a memória involuntária é instável e descontínua, não vem para preencher os espaços em branco, supõe as lacunas e constroem-se com elas. Ela não soma nem subtrai, ela condensa, a memória voluntária preocupa-se em “colocar traços nos rostos de um passante, quando no lugar do nariz, das faces e do queixo deveria apenas existir um espaço vazio onde, no máximo, viesse brincar o reflexo de nossos desejos.” (PROUST, 1992, p.1045).

A historiografia elegeu a memória voluntária, desqualificando a memória involuntária tida como constitutiva de um terreno de irracionalismo(s) e por isso avessa à história.

Proust falará de tempos diversos e múltiplos, colocando a descontinuidade e o instante único e isolado que guarda a possibilidade da memória. A ritualização operada pela memória se dá num instante (categoria inexistente em Bergson) que não possui duração maior que de um relâmpago. Por isso, a materialidade da memória aparece-nos como algo que irrompe. É este trazer à tona que constitui o fundamento mesmo da memória, pois o passado que “retorna” de alguma forma não passou, continua ativo e atual e, portanto, muito mais que reencontrado, ele é retomado, recriado, reatualizado. Por isso, o sentimento proustiano de que o passado outrora vivido é ressuscitado no presente: “A impressão foi tão forte que o

momento que eu vivia (no passado) pareceu-me ser o momento atual.” (PROUST, 1992, p.868).

Retornando as ciências sociais, Maurice Halbwachs continua ainda hoje um dos referenciais fundadores dos estudos da memória, sobretudo com a sua contribuição decisiva sobre os quadros sociais da memória: *Lês cadres sociaux de la mémoire* (1925) sobre a noção de memória coletiva numa época em que a noção de memória, como na concepção bergsoniana, era compreendida ainda como fenômeno essencialmente individual:

“... a memória individual [ diz Halbwachs] não é possível sem instrumentos, como palavras e idéias, os quais não são inventados pelos indivíduos, mas tomados emprestados de seu meio. Se as imagens do presente fundem-se estreitamente com as lembranças do passado, e se as imagens parecem emprestar às lembranças sua substância, é porque nossa memória não é como uma tabula rasa”

A afirmação central do autor pode ser entendida, grosso modo, a partir do pressuposto de que quaisquer que sejam as lembranças do passado, que eventualmente um indivíduo possa experimentar, ainda que lhe pareçam resultado de sentimentos, pensamentos ou experiências exclusivamente pessoais, estas só podem existir de fato a partir dos quadros sociais da memória ou das representações coletivas. De acordo com Halbwachs, os quadros sociais da memória não são constituídos pelo mero arranjo e combinação de lembranças individuais isoladas, ao contrário, eles constituem instrumentos eficazes de que a memória coletiva se utiliza para restituir uma imagem do passado que se combina, a cada época, com os pensamentos dominantes do presente. Desta forma, é que a memória encontra-se imbricada na cultura material e moral das sociedades.

Um segundo aspecto a ser destacado no trabalho de Halbwachs diz respeito à presença da espacialidade ou lugares físicos da memória coletiva. Na sua obra intitulada *La topographie légendaire des évangiles en Terres Saintes*, de 1941, o autor mostra a importância dos “lugares da memória”, no seu sentido espacial e topográfico, para o fortalecimento das identidades coletivas. Segundo seu ponto de vista, os grupos humanos, ao escolherem certos monumentos, cidades, montanhas ou outros suportes externos como receptáculos da sua memória, transformam esses espaços num sistema coerente de imagens coletivas.

Vista dessa perspectiva, a memória social oferece padrões para a estruturação do imaginário, que compreende a dimensão expressiva, cognitiva e normativa da vida social. Concebendo seus próprios “lugares da memória”, os indivíduos estão ao mesmo tempo também reinventando suas tradições e redefinindo suas identidades, aspecto essencialmente útil para a compreensão dos fenômenos de memória e imaginário localizados no contexto contemporâneos.

Os registros fotográficos desempenham uma função essencial na reconstituição da memória, na medida em que constituem novas leituras dos acontecimentos passados, pois, as situações objetivas nas quais se inscreve o passado reaparecem sempre alteradas e associadas a novas simbolizações. De acordo com a perspectiva de Maurice Halbwachs (1990) tais experiências representativas são associadas a recordações socializadas, isto é, ao quadro social da memória, que constituem modelos sociais e culturais, individuais ou coletivos, definidos segundo esquemas construídos pelos diversos grupos de pertença.

A memória não pode ser encarada sob uma ótica simplista e generalizante, considerando apenas o resgate das lembranças. Faz-se necessário compreender a existência de uma articulação entre o lembrado e os diferentes níveis de relação do

ser humano em uma dada cultura, desde sua individualidade às identidades coletivas, desde as formações históricas até a sua memória cultural. Estes diferentes símbolos de experiências humanas e de culturas vividas em sociedade desempenham funções essenciais na reconstituição da memória.

Ainda imerso na perspectiva de memória de Halbwachs, podendo considerar um dado ser humano em nossa cultura contemporânea, buscando encontrar as diferentes conceituações da memória presentes em suas relações sociais e culturais, encontraremos, na tentativa de estabelecer essa compreensão, uma memória vinculada ao tempo e ao espaço vivido, buscando ressaltar as transformações introduzidas. Esta memória histórica religa o homem com o passado, mesmo distante e por vezes estranho em suas especificidades quando confrontado ao tempo em que vive.

A idéia de uma memória histórica parte da discussão entre memória e história fomentada nos estudos de Halbwachs onde, na verdade, utiliza o termo para apresentar o antagonismo existente entre os dois. Ambas evocam o passado, contudo a história começa justamente onde a memória acaba e a memória acaba quando não tem mais como suporte um grupo.

A memória também é por excelência coletiva, criando laços comuns em grupos sociais, permitindo a construção de uma identidade dos sentimentos e das imagens comuns ao grupo. Neste tipo de lembranças, buscamos acentuar as semelhanças para estabelecer a continuidade desta identidade de grupo.

Enquanto a memória coletiva constrói a identidade do grupo, a memória individual trará ao sujeito uma percepção única de um fato vivido, seja como participante ou expectador. Estabelecendo um paralelo com o fotógrafo, o indivíduo apenas capta um ângulo do acontecido, por mais que se esforce não reterá as

diferentes visões, percepções, sentimentos e motivações das diferentes personagens que compuseram a cena lembrada. Num contexto mais abrangente, cada ator deste grande teatro mundial irá atribuir suas próprias significações ao fato vivido. Assim, a memória social é estabelecida nestas dimensões entre o indivíduo, o coletivo e a história.

Concomitantemente temos, então, a memória cultural que se articulará com a coletiva, a individual e a história constituindo assim valores e normas de interesses determinados pelos movimentos sociais. Nessa articulação de interesses é que se operam as reformulações das estruturas sociais e culturais.

Nora (1993) reforça a idéia de que a memória é vivida, carregada por grupos vivos e em constante evolução e explicita a diferença entre memória e história. Para Nora:

“A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993, p.09).

Retomando a discussão anterior sobre memória e lembrança, quando D.Maria insiste que a fotografia faz lembrar algo, comunica idéias de um tempo que não vivi, percebo que reconheço pela história. Ambas – memória e história – evocam o mesmo tempo passado, mas sua compreensão se distingue como nos expressa Nora:

“A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura



ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 1993, p.09).

Então, nesta sociedade de características intensamente icônicas, os álbuns de família, vistos ao longo das gerações, configuram registros da memória social e cultural que dialogam com o homem em sua reconstrução e ressignificação da memória. Memória essa que deve ter seus significados analisados escapando da mera imagem. Nos ritos sociais retratados nos álbuns descortinam-se os teatros montados em busca de seus bastidores, do não dito, do não exposto, o íntimo e o privado, ou, as transformações no que é percebido como íntimo e privado no contexto da sociedade contemporânea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Ao longo do trabalho tornou-se possível acessar algumas facetas da fotografia, seja ela digital ou analógica, presente tanto nos álbuns de família quanto nos flogs. Dessa forma percebeu-se que uma dada fotografia pode apresentar diferentes leituras a depender, não somente das escolhas do fotógrafo e sua técnica, da pose do fotografado, ambiente, mas a leitura depende inclusive do grupo cultural a que o leitor da foto pertença.

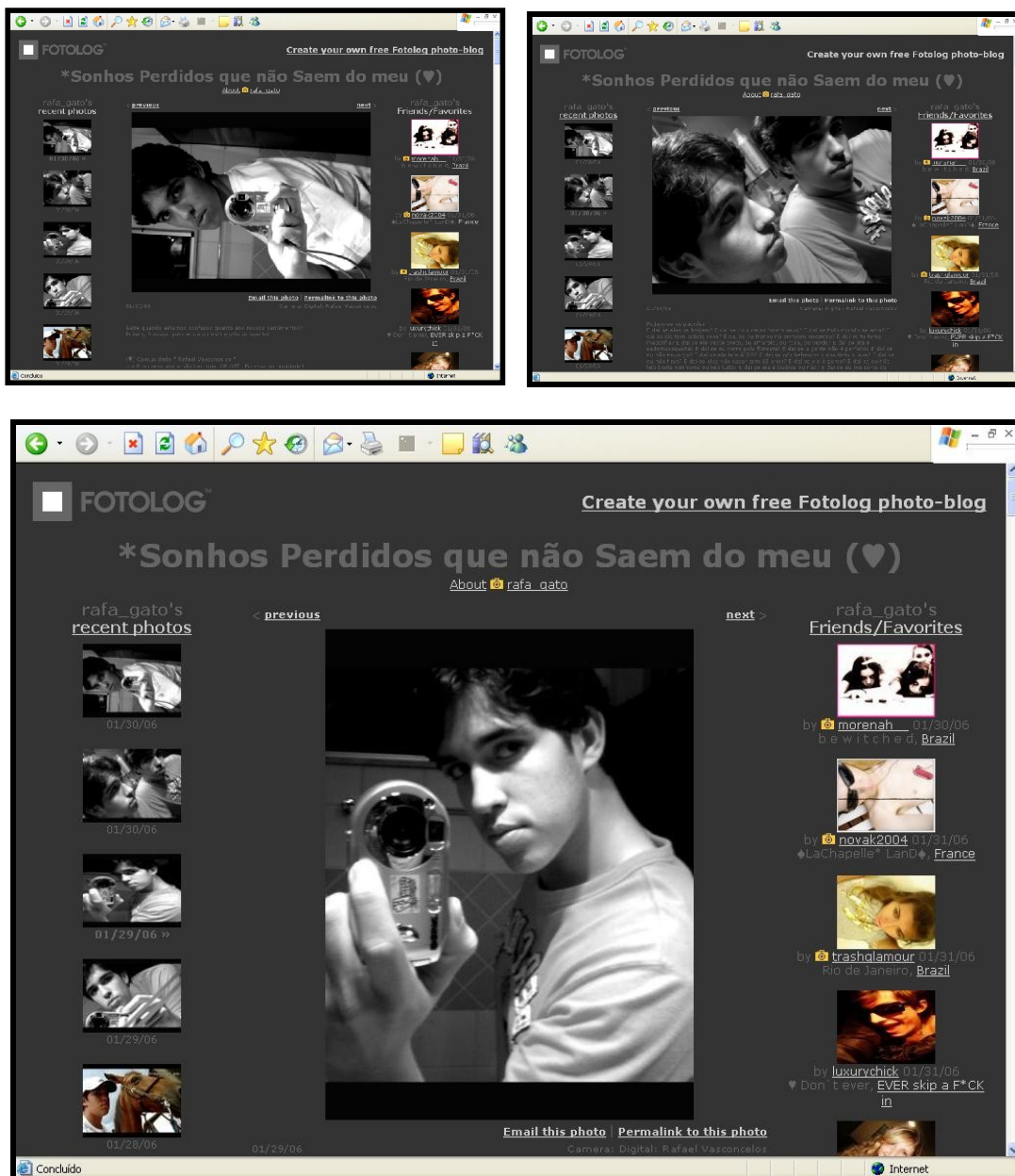
O avanço tecnológico de nossa sociedade intensificou o uso da imagem, bem como o da fotografia, ao ponto de inovações que em seu surgimento causaram espanto por registrarem a imagem num plano bidimensional de nossa realidade tridimensional, serem hoje encaradas quase como algo natural de tão inseridas culturalmente. Talvez em outro tempo histórico a memória não recebesse um comentário que refletisse tão bem essa inserção da fotografia como o expresso por LEITE (2001, p. 18): “Algumas pessoas não se lembram do que aconteceu, mas do retrato do que aconteceu”.

Desde sua descoberta até as freqüentes implementações de inovações técnicas, a fotografia dimensionou-se. Mais que simplesmente registra o mundo diante de sua lente expõe novos conceitos de percepção da realidade para a sociedade, atribuindo sobre sua realização a perspectiva de veracidade inserida no ambiente positivista em que nasceu. Com efeito, isso efetivamente vem ampliando rapidamente tal aura de verdade para vertentes de seu uso como o fotojornalismo, o fotodocumentalismo, entre outras. “Desde o seu surgimento e ao longo de sua

trajetória, até nossos dias, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva: *testemunho de verdade* do fato ou dos fatos” (KOSSOY, 1999, p. 19). Mesmo que com a evolução do debate a respeito, valores até então plenamente aceitos venham sendo relativizados.

Na atualidade a fotografia em seu processo de incorporação ao avanço tecnológico de intensa hibridação, mais precisamente o da comunicação efetiva permitida pela internet, vem consolidando novos espaços culturais de relacionamento e percepção da realidade.

A sociedade tornou-se extremamente icônica e o lema é mostrar-se, mas é justamente essa exacerbação da imagem que nos conduz a outros patamares de questionamentos. A perda do referente e a ampliação do processo de criação pós-fotografia sinalizam apenas para uma das questões que incidem na fotografia ao ser pensada enquanto documento histórico e como imagem-memória, porém outros ângulos podem trazer discussões que a simples diferenciação entre analógicos e digitais não bastariam para dar conta. Em tempo de intensa exposição, “como empreender e diferenciar a linguagem de fotografia promocionais de um grupo, pessoas ou instituição de registros de experiências vividas?” (LEITE, 2001, p. 30). Deparamos-nos com uma problemática que agora ultrapassa a questão de ser digital ou analógica por excelência, ambas podem apresentar tais leituras.



Imagens retiradas de <[www.fotolog.net/rafa\\_gato](http://www.fotolog.net/rafa_gato)> em 31 de janeiro de 2006



Josefa e Mª Madalena de Oliveira, 1961.



Acima, José Cavalcanti. 1990.



À esquerda landê e Kauê Gomes de Moura, 1990.

Posar para a tradicional fotografia de aniversário em volta ao bolo, sorrisos expressos, felicidades aparentes, momento marcado e guardado nos álbuns ao longo dos anos. Incansáveis fotos de si mesmo ao longo dos dias, mudar a pose, o ângulo e o enquadramento, promover seus traços. Capturar num instante o sorriso solto e surpreendido das crianças ou dos amigos em um encontro. Assim como o texto, a fotografia não expressa o todo vivido, sua mensagem permite inclusive ser falseada. A imagem congelada não expressa tal e qual seu significado, a imagem fotográfica é simbólica e sua mensagem é capturada diferencialmente por seus leitores. Nas redes da memória os símbolos envolvem experiências reais. Sendo assim, álbuns de fotografia e flogs configuram-se no interior de alguns grupos como

um dos suportes para a memória, fontes que estabelecem identidade, relação e história. A memória é coletiva como diria Halbwachs.

Os três exemplos que seguem buscam ilustrar diferentes momentos e suportes onde a memória permeia e servirá para a discussão. Pessoas distintas, suportes diferentes: fotos analógicas, “lugar digital” e fotografias digitais:

A cena era no mínimo familiar, enquanto ouvia com atenção as narrações de D.Maria (54 anos), álbuns e fotos se amontoavam no centro, nos encostos do sofá, alguns em nossas mãos. Para um observador mais atento a vida poderia não parecer mais tão linear, ora... poderia até parecer natural que para contar sobre suas histórias ela iniciasse falando da infância, vida adulta e envelhecimento, mas as narrativas por momentos eram tomadas por ganchos que rompiam novos fluxos temporais. Falava da infância e logo estava contando casos da juventude para voltar a aspectos de seu gênio desde menina. Uma ou outra foto lhe servia de suporte para as lembranças, ou mesmo uma coleção delas, e remexer aqueles velhos álbuns era como permitir que fragmentos de sua história fossem mais facilmente lembrados.

Alex (27 anos) me relatou que viajando pelo ciberespaço sentiu a necessidade de acessar uma sala de Chat que há mais de três anos não via. Queria ainda poder encontrar as pessoas que durante aquela fase de sua vida lhe foram tão importante, nem vestígio dos conhecidos. Mas estar na sala, no horário costumeiro que toda a turma se encontrava, a própria expectativa de talvez encontrar algum vestígio, alguém de sua época, fazia com que Alex olhasse para aquele lugar e recordasse alguns dos momentos vividos. Era uma sala de Chat na intemporalidade

da internet, um espaço digital e efêmero, porém, para Alex a memória coletiva do grupo ainda vivia e aquela sala servia como suporte para suas lembranças.

Enquanto revisava essa dissertação um de meus colaboradores encerrou em 02/02/2006 seu flog e retirou todos os contatos que estavam *linkados* a ele. Sedative ainda mantém suas imagens e fotos, não sei até quando. Ao longo dos anos em que analisei seu fotolog em específico, pude presenciar outros dois momentos em que ele não somente “desativou” mas apagou todas imagens/textos do flog, algumas poucas fotografias foram guardadas nos seus arquivos pessoais e chegaram a reaparecer nas demais aberturas, mas muito fora perdido.

Através desses exemplos podemos perceber a diversidade de momentos e locais, de suportes e de pessoas que nos leva a lembrar. Mesmo o último exemplo é significativo, pois o ato de querer apagar, desativar, remete a querer esquecer ou ao próprio esquecimento, e aquilo que procuramos nos esquecer nos marcou de alguma forma para desejarmos oculta-lo.

O debate a respeito da memória é amplo e encontramos em suas interfaces questões como os “lugares antropológicos” apresentados por Marc Augé que confere uma tripla função aos espaços de memória: identidade, relação e história. “Nem todos os lugares assim qualificados são convertidos em lugares de memória como entendem os historiadores. É preciso que intervenha essa dupla operação bem designada por Pierre Nora: a busca de “signos visíveis daquilo que foi”, e portanto o acordo entre estes e a expectativa que devem satisfazer, o desejo não de se situar no curso de uma história, de determinar uma posição no espaço e no tempo, mas de decifrar “aquilo que somos” à luz daquilo que não somos mais”. O que é memória nessa interpretação, é o que produz de identidade individual e

coletivamente, mesmo ao preço de uma auto-ilusão. Trata-se mesmo de reapropriar-se de uma parte da história comum, de uma herança, do que de se definir a partir do que lhe é emprestado, ou de tentá-lo.

Diferente em dado aspecto, Balandier não pensa a memória, tal e qual, como produto de identidade individual e coletiva, pois dessa forma analisaríamos a memória a partir das redes de relacionamento, da sociabilidade que incluiria inclusive a internet, porém ele não acredita que uma sociabilidade virtual seja possível, já que em suas reflexões conclui que “a identidade própria requer uma memória e a constante possibilidade de se situar, de manter relações vivas feitas de presença e palavras diretas, não estabelecidas por medições artificiais ou desqualificadas pelos efeitos de massa. As vizinhanças virtuais – as constituída... por redes, e não pela interação na proximidade efetiva, como o electronic neighbourhood de alguns nova-iorquinos – criam uma socialização lúdica em vez de uma socialização efetiva. Jogos de falsos encontros e interatividade artificial.” (BALANDIER, 1999, p. 71). Podemos concordar com Balandier que existem diferenças de interação nos mecanismos da internet, mas não que isso implique numa interatividade artificial no sentido de ser “menos verdadeira”, a memória é construída nos grupos de interação, seja ela sincrônica ou diacrônica, numa conversa em roda, nos chats, nas correspondências trocadas entre amigos distantes ou nos e-mails.

Já para Halbwachs, uma questão fundamental a cerca da memória coletiva, enquanto fato social seria a sua ancoragem para cada indivíduo. Em que liames se apóiam os homens no presente para recuperarem o caminho de volta ao passado? Que elos se alojam entre o passado e presente para que deles possamos ativar o que chamamos de memória? Novamente voltamos aos “aromas” e ao “sabor” de



que fala Proust, pistas, pegadas, indícios... e não somente elos entre o passado e o presente, mas entre as diversas concepções individuais a cerca do passado. Para se ter uma memória coletiva é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietários daquela memória.

Quando nos encontros familiares que participei, volta e meia as antigas histórias eram retomadas, pontos acrescentados ou tolhidos, ali estava um momento de manutenção para a perpetuação da memória daquele grupo. Na internet a efemeridade é grande, muitos grupos desaparecem de uma hora para outra sem aviso prévio. Em relacionamentos formados apenas no virtual, utilizando mensagens instantâneas, flogs, etc, sem que ultrapasse o campo da virtualidade, basta o deletar de um flog, o bloqueio das pessoas em seu MSN, como Alex (27 anos) certa vez fez, para desaparecer daquele grupo. Porém, sair de um grupo não é a mesma coisa de deixar de existir na memória do mesmo.

Posso mesmo considerar que as identidades (plurais) de um dado ser humano formam-se a partir de um processo relacional, podemos alcançar as discussões de Michael Pollack quando, ao caracterizar a relação entre memória e identidade, define que consciente ou mesmo inconscientemente a memória enquanto fenômeno é uma construção fruto do exercício constante (e intercambiado) da organização individual e social. Tomada a memória como um elemento constitutivo da identidade, seja a identidade do indivíduo ou mesmo de um grupo, de uma coletividade, justamente por servir na produção de uma lógica de continuidade e de coerência para a pessoal ou grupo em questão, na constante reconstrução de si.

Álbuns de fotografia e fotologs podem servir como suporte para a recordação inserida dentro de suas redes de significados, porém, as possibilidades de

construção de memória ou falseamento de realidade vivida, no que se refere ao potencial da fotografia, necessitam de análise. A manipulação digital permitida pelas novas tecnologias faz refletir sobre as imbricações ao longo do tempo, desconstruímos fotos, construímos novas histórias a respeito das cenas manipuladas, simulamos realidades e dissimulamos acontecimentos. A memória em rede de internet e nas redes de relacionamento existem, porém as novas tecnologias de imagem não tem nenhum compromisso com o referente ou com a realidade.

**BIBLIOGRAFIA**

---

ALMEIDA, M<sup>a</sup> Isabel Mendes de & TRACY, Kátia M<sup>a</sup> de Almeida. *Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas*. Rio de Janeiro, 2003.

ALVIM, Rosilene e GOUVEIA, Patrícia (org.). *Juventude anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

\_\_\_\_\_. "Olhares sobre a juventude". *Juventude, Cultura e Cidadania. Comunicação do ISER*. Ano 21, Edição Especial, 2002.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BALANDIER, G. *O Dédalo. Para Finalizar o Século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BARTLETT, Frederic. *Rememorig: a study in experimental Social Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1980.

BASTIDE, Roger. "Memoire collective et sociologie du bricolage", in *L'Année Sociologique*, nº 345: 1970, p. 03-108.

BECKER. Howard. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

BENJAMIN, Walter. «Teses sobre a Filosofia da História», *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa: Relógio D'Água, 1940 [1992].

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTAUX, Daniel. *Les Récits de vie*. Paris: Nathan, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.

BOURDIEU, Pierre. "A Juventude é apenas uma palavra" In *Questões de Sociologia*. Editora Marco Zero. 1983.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular*. Bauru, EDUSC, 2004.

- CAILLOIS, R. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, [s.d.] (Perspectivas do homem) (ed. orig. 1950).
- CALVINO, I., *As Cidades Invisíveis*. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.
- CARUTH, Paul (org.). *Trauma: exploration in memory*. Baltimore/London, Johns Hopkins Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Unclaimed experience: trauma, narrative, and history*. Baltimore/London, Johns Hopkins University Press, 1996.
- CLIFFORD, James. *Predicament of culture*. Cambridge, Harvard University Press, 1988.
- CONNERTON, Paul. *Como as Sociedades Recordam*. Oeiras: Celta Editora, 1993.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1989.
- EAGLETON, Terry. *As Ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. Studio Nobel, 1990.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta :ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FUKUI, Lia (org.). *Segredos de família*. São Paulo: Fapesp, 2002.
- GILLES, Deleuze. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Les cadres sociaux de la mémoire*, Paris: Alcan, 1925.
- KOSSOY, Boris. "Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia", In: SAMAIN, Etienne (org.). *O fotográfico*, São Paulo, Hucitec, 1998.
- KUBRUSLY, Cláudio. *O que é fotografia*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). *Imagem e memória: ensaios em Antropologia visual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- LATOURETTE, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Edusp, 2001.

- LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A ideografia dinâmica*. Trad. Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A inteligência coletiva*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Lyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- LYOTARD, Jean-François. *La Condition Postmoderne*. Paris: Minuit, 1979.
- MARCUS, George. *Rereading Cultural Anthropology*. Durham: Duke University Press, 1992.
- MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF, 1950.
- MIDDLETON, David. Edwards. Derek (eds.). *Collective remembering*. London: Dage Publication, 1990.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. 'Padres e artesãos: narradores itinerantes'. – *História oral*. Revista de Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, 2001.
- NAMER, Gérard. *Mémoire et société*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1987.
- NEISSER, Uric (org.). *Memory observed: remembering in natural contexts*. Oxford: W. H. Freeman, 1987.
- OLIVEIRA, Paulo Salles de. *Vidas compartilhadas. Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- NORA, Pierre. "Entre mémoire et histoire", in *Les lieux de mémoire*, Vol. I. Paris: Gallimard, 1999.
- PAIM, Eugênia. "Imagens da Juventude. Forever Young a apropriação da imagem da juventude pela propaganda brasileira" In. *Cultura e Cidadania. Comunicação do ISER*. Ano 21, Edição Especial, 2002.
- PLAZA, Julio e Mônica Tavares. *Processos Criativos com Meios Eletrônicos: Poéticas Digitais*. São Paulo, Editora Hucitec, 1998.
- PROUST, Marcel. *Swann expliqué par Proust* in *Contre Sainte-Beuve* Essais et articles, Bibliothèque de la Pléiade, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Essais et articles*, "A propos du "style" de Flaubert", in *Contre Sainte-Beuve*, La Pléiade, Paris: Gallimard, 1975
- \_\_\_\_\_. *Em busca do tempo perdido*. Ediouro, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1992.
- RIVIÈRE, Claude. *Les Rites Profanes*. Paris: PUF, 1995.
- ROTH, Michel. *The ironist's cage: memory, trauma, and construction of history*. New York: Columbia University Press, 1993.

- SALEM, Tânia. *Entrevistando Famílias: notas sobre o trabalho de campo*. In. NUNES, Edson de Oliveira. (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- SAHLINS, Marschall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SANTOS, Myriuan Sepúlvida dos. "O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado", in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ANPOCS, 23, 1993, pp. 70-85.
- \_\_\_\_\_. *Memory: social construction and criatique*. Tese de doutorado. New York, New Scholl for Social Research, 1994.
- SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro, FGV, 2002.
- SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- SENNET, Richard. *O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade*. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- SINGLY, François. *Família e individualização*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- SIBILIA, Paula. *Homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2002.
- VAN GENNEP, Arnold. *Ritos de passagem* : Estudos sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- ZUMTHOR, P., *Tradição e Esquecimento*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

## WEBGRAFIA

- BAIRON, S. *A rede e o jogo. Casi Nada*. *Webmagazine*, julho-agosto de 1998, disponível em < <http://usuarios.iponet.es/casinada/25rede.htm>>, acessado em 23 de novembro de 2003
- BEIGUELMAN, G. *Blogs: existo, logo publico*, disponível em <[http://www.uol.com.br/tropico/novomundo\\_9\\_1578\\_1.shl](http://www.uol.com.br/tropico/novomundo_9_1578_1.shl)>., acessado em 23 de novembro de 2003.
- MALAVOLTA, A. *As novas formas de sofrimento*, disponível em <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/out2000/pagina8e9-Ju155.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/out2000/pagina8e9-Ju155.html)>, acessado em 23 de novembro de 2003.

VILLAÇA, N. *Do impresso ao eletrônico: corpo e tecnologia*, disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/xxii-ci/gt10/10v01>>, acessado em 23 de novembro de 2003.

**Anexo**

Anexo I – Questionário de Entrevista.

Anexo II – Amostragem de flogs.



## Anexo I – Questionário de Entrevista

1. Quais são os membros de sua família? (ter o cuidado de anotar pela ordem que os nomes forem ditos)
2. Todos moram na mesma residência? Caso não, especificar onde moram incluindo cidade, Estado e país.
3. Qual a idade de cada um?
4. Que foto você selecionaria como uma das mais importantes de sua vida? Porque?
5. O que te motiva hoje a tirar fotos?
6. Você gosta de fotografar quais momentos? Porquê?
7. Segue alguma regra quando vai organizar as fotos nos álbuns? Quais?
8. Você constrói álbuns temáticos? Quais?
9. Para quais pessoas você mostra os álbuns?
10. Monte um quadro com todos os membros de sua família, contando apenas com sua própria memória, sem consultar pessoas, álbuns, etc.
11. Em que momentos você costuma folhear os álbuns de fotografia? Existem momentos específicos? Determinada data, situação ou estado de sentimento?
12. Já experimentou folhear álbuns de fotografia com outras pessoas e perceber diferentes lembranças sobre um mesmo evento? Comente.

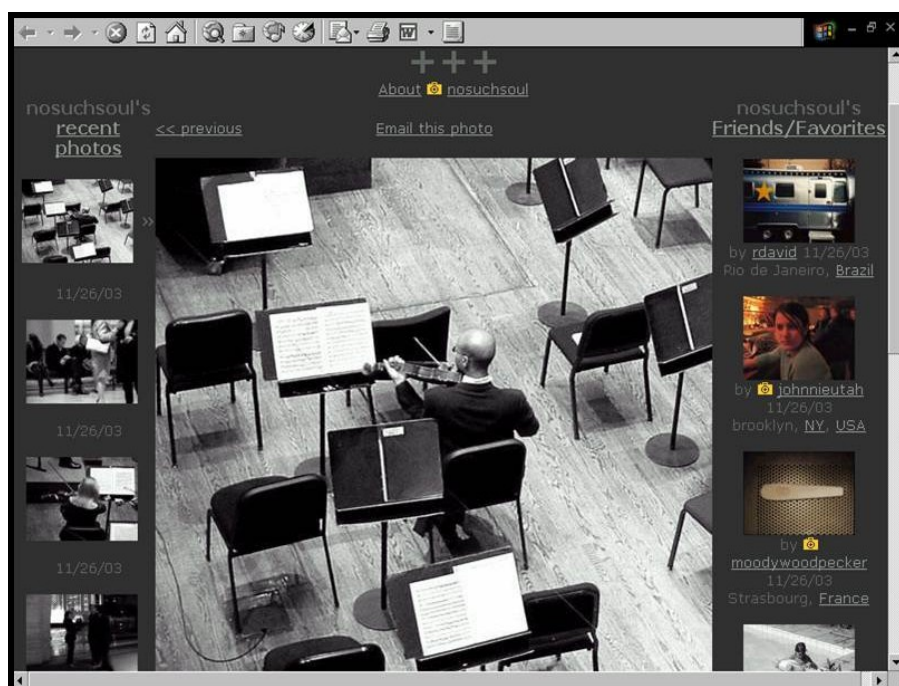
## 13. Anexo II – Amostragem de Flogs

The screenshot shows a web browser window displaying a Fotolog photo-blog. The browser's address bar shows the URL [www.fotolog.net/tiakinho](http://www.fotolog.net/tiakinho). The page features the Fotolog logo and the user's name 'tiakinho'. A navigation bar includes 'About tiakinho' and 'Create your own free Fotolog photo-blog'. The main content area displays a large photo of a hand holding a pen nib, with a date of 01/28/06. Below the photo is the text: "E Deus criou a tecnologia à sua imagem e semelhança...". The page is flanked by two columns of smaller photos: 'tiakinho's recent photos' on the left and 'tiakinho's Friends/Favorites' on the right. The 'recent photos' column includes dates like 02/01/06, 01/31/06, 01/30/06, and 01/30/06. The 'Friends/Favorites' column includes names like 'forn', 'bathory\_area', 'n4nndo', and 'boutique' with their respective dates and locations. The browser's taskbar at the bottom shows the 'Internet' icon.

Retirado de [www.fotolog.net/tiakinho](http://www.fotolog.net/tiakinho) em 02 de fevereiro de 2006



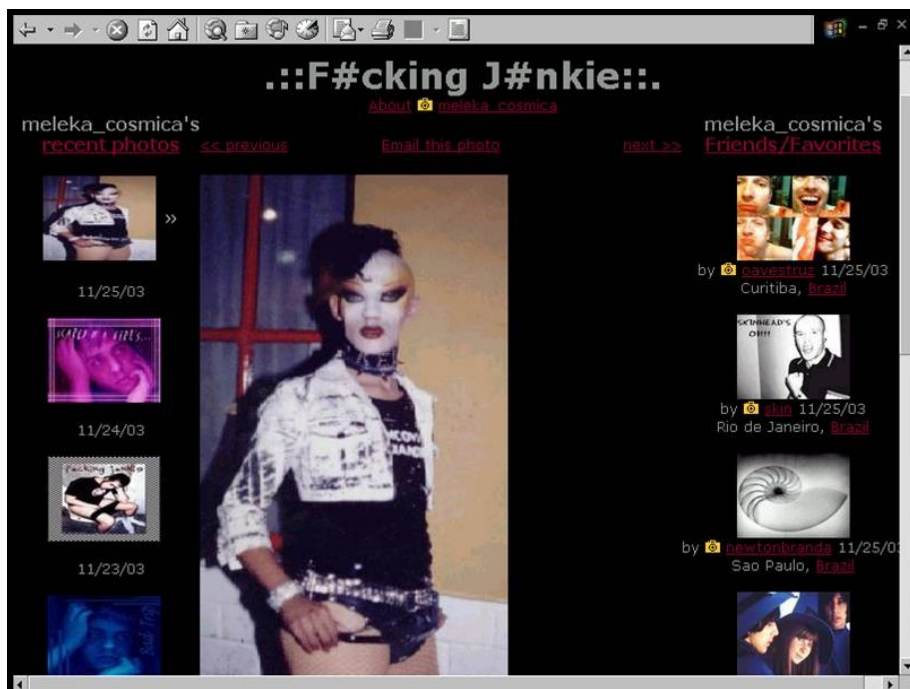
Retirado de [www.fotolog.net/ferio](http://www.fotolog.net/ferio) em 30 de novembro de 2003.



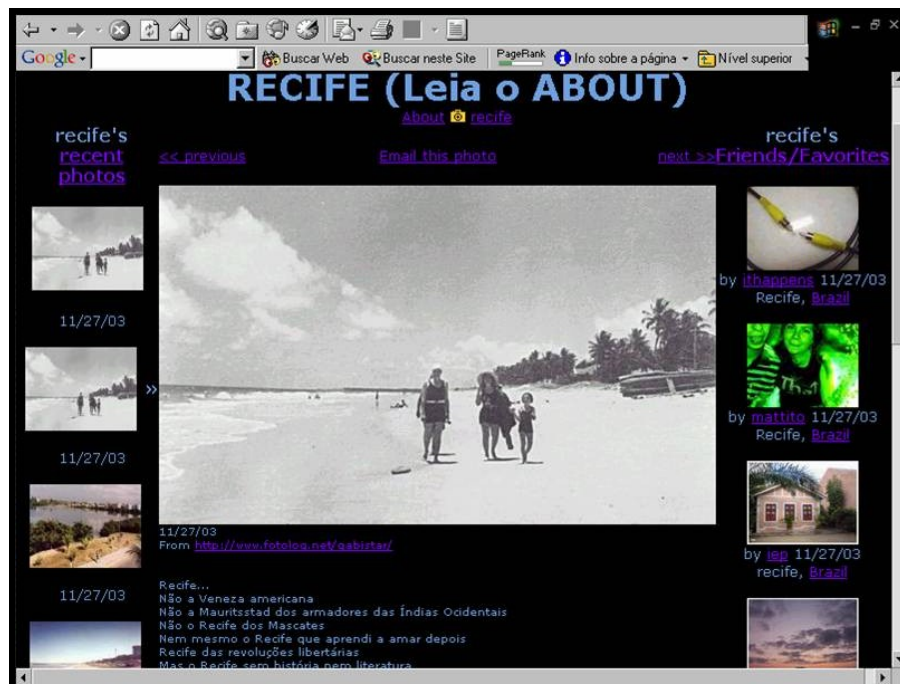
Retirado de [www.fotolog.net/nosuchsoul](http://www.fotolog.net/nosuchsoul) em 30 de novembro de 2003.



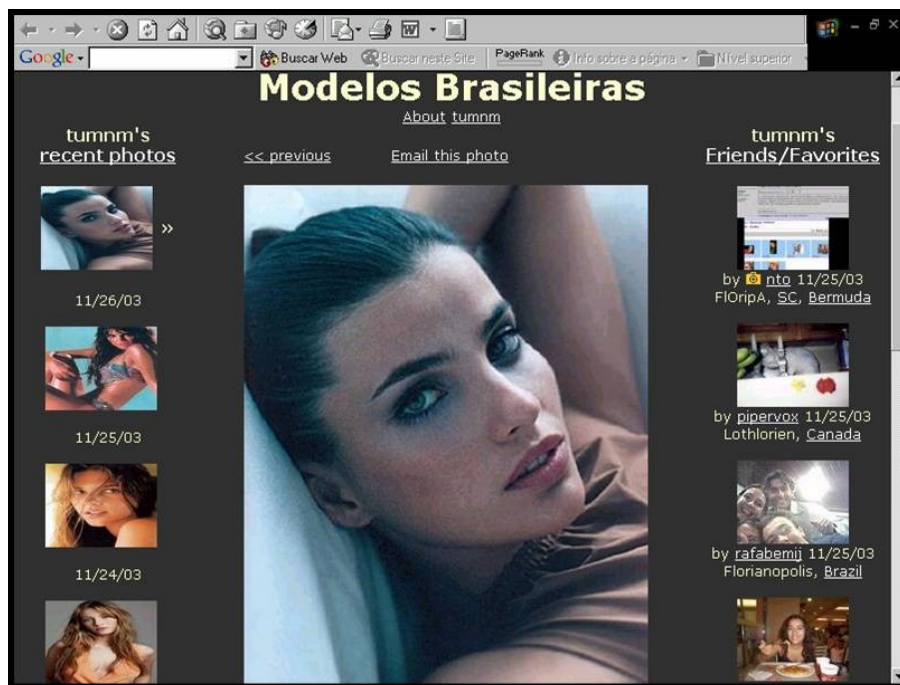
Retirado de [www.fotolog.net/bob\\_esponja](http://www.fotolog.net/bob_esponja) em 30 de novembro de 2003



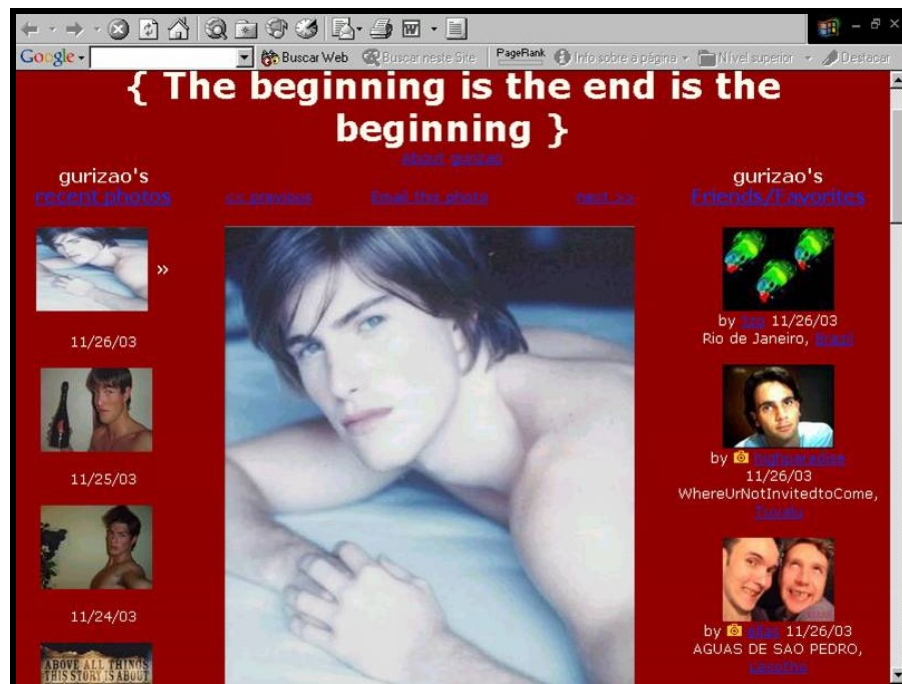
Retirado de [www.fotolog.net/meleka\\_cosmica](http://www.fotolog.net/meleka_cosmica) em 30 de novembro de 2003



Retirado de [www.fotolog.net/recife](http://www.fotolog.net/recife) em 30 de novembro de 2003.



Retirado de [www.fotolog.net/tumnm](http://www.fotolog.net/tumnm) em 30 de novembro de 2003.



Retirado de [www.fotolog.net/gurizao](http://www.fotolog.net/gurizao) em 30 de novembro de 2003.



Retirado de [www.fotolog.net/rindo\\_na\\_cama](http://www.fotolog.net/rindo_na_cama) em 20 de janeiro de 2006.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)